

SABER

UFAL
nº 5 - 2023

**CENTRO DE INOVAÇÃO
MOVIMENTA R\$ 100 MI E
TRANSFORMA UFAL EM
POLO TECNOLÓGICO**

*Estão envolvidos cerca de 250
pesquisadores do IC, e os projetos
têm parceria com multinacionais*

Surgiu alguma

DÚVIDA?

Acesse a **CARTA DE SERVIÇOS**

da Ufal No portal, você tem acesso a todas as informações sobre os serviços oferecidos pela Universidade Federal de Alagoas.



servicos.ufal.br



SUMÁRIO

Da Redação	4
Entrevista com Fábio Guedes	5
Opinião - CT&I e desenvolvimento: por que é preciso fortalecer a Ufal	10
"2023 será um ano de reposicionamento global das universidades", afirma reitor da Ufal	12
Ufal se reinventa durante a pandemia e forma mais de 3 mil novos profissionais	14
Histórias, sonhos e emoções de quem conseguiu diploma de médico pela Ufal em Arapiraca	18
Universidade amplia assistência estudantil com a criação de programas inovadores	20
Programas de pós-graduação da Ufal têm a melhor avaliação dos últimos 30 anos	22



Universidade implanta laboratório inclusivo para estudantes cegos
Pág. 26

Ações de extensão promovem troca de saberes entre a universidade e a sociedade	30
Nova metodologia de contratações aumenta em 500% número de itens licitados na Ufal	34
Sinfra investe R\$ 1,6 mi para atender a mais de 6 mil pedidos de manutenção em 2022	38
Apesar da pandemia e da escassez de recursos, Ufal capacita mais de 3,5 mil servidores nos últimos três anos	40
Opinião - "Paespe me trouxe motivação para ter resiliência e realizar meus sonhos"	44
Ufal avança em técnica inovadora para o diagnóstico da esquistossomose	46
Laboratório da Ufal se torna referência no Brasil na área de Química Inorgânica	52

CENTRO DE INOVAÇÃO TRANSFORMA UFAL EM POLO DE TECNOLOGIA E CAPTA R\$ 100 MI EM 7 ANOS
Pág. 48

Cientistas descobrem em Alagoas 14 novas espécies ou gêneros de fungos	54
Professor do Campus Arapiraca desenvolve pesquisa na Antártica	58
Expedição leva educação e saúde à população de cidades banhadas pelo São Francisco	62
Barco da Saúde realiza mais de 110 consultas médicas e 6 mil exames laboratoriais	66



Festival de Música de Penedo leva cultura alagoana para a Europa
Pág. 68

Circuito Penedo de Cinema coloca Alagoas na rota do audiovisual no Brasil	72
Opinião - "Quando construímos parcerias, transformamos a realidade"	76

É preciso olhar para o futuro

As universidades públicas federais brasileiras enfrentaram, ao longo dos últimos anos, enormes desafios para o seu funcionamento. De um lado, a pandemia da covid-19 provocou a suspensão das atividades presenciais e obrigou as instituições a repensarem suas práticas pedagógicas. Do outro, sucessivos cortes orçamentários fizeram com que as universidades buscassem se reinventar do ponto de vista de gestão.

Diante desse cenário, gerir uma instituição com a grandiosidade e a complexidade da Universidade Federal de Alagoas não é uma tarefa fácil. São quatro *campi* - Maceió, Rio Largo, Arapiraca e Delmiro Gouveia - , cerca de 20 mil estudantes, mais de 1.770 servidores técnicos-administrativos e aproximadamente 1.700 professores, o que forma uma comunidade superior à população de muitos municípios.

Apesar dos obstáculos, nossa universidade avançou. Para que isso fosse possível, nós contamos com a colaboração de servidores dedicados, que se mantiveram firmes em suas funções, mesmo quando parecia não haver perspectivas no curto prazo. Fortalecemos o ensino, a pesquisa e a extensão. Estivemos presentes no dia a dia de milhares de pessoas, que enxergaram em nossa casa um futuro melhor.

É nesse contexto que apresentamos a quinta edição da revista *Saber Ufal*. Ao longo das próximas páginas, você poderá conhecer um pouco mais sobre o trabalho desenvolvido por gestores, professores, pesquisadores e técnicos-administrativos que dedicam suas vidas a levar conhecimento, informação e transformar a vida de outras pessoas

por meio da educação. Entendemos que este é o caminho possível.



Mais que isso: nós buscamos, com esta edição, apontar para o futuro e mostrar que o trabalho realizado na Ufal vai gerar resultados duradouros, com benefícios para toda a sociedade, criando um movimento sinérgico.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Campus A.C. Simões, Av. Lourival Melo Mota,
S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL -
57072900

Reitor
Josealdo Tonholo
Vice-reitora
Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti
Chefe de Gabinete
Ubirajara Oliveira
Pró-reitor de Graduação
Amauri da Silva Barros
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação
Iraíldes Pereira Assunção
Pró-reitor de Extensão
Cezar Nonato
Pró-reitor Estudantil
Alexandre Lima Marques da Silva

Pró-reitor de Gestão de P. e do Trabalho
Wellington da Silva Pereira
Pró-reitor de Gestão Institucional
Arnóbio Cavalcanti Filho

REVISTA SABER UFAL

Uma publicação da Universidade Federal de Alagoas sob a responsabilidade da Assessoria de Comunicação da Ufal

Capa
Daniel Aubert

Conselho Editorial
Eduardo Almeida
Jarman Aderico
Márcia Alencar
Raniella Lima
Simoneide Araújo

Produção e edição
Márcia Alencar e Simoneide Araújo

Gerência administrativa
Raniella Lima

Reportagens
Eduardo Almeida
Jacqueline Freire
Lenilda Luna
Manuella Soares

Revisão
Mauricélia Ramos

Fotografias
Renner Boldrino
Projeto gráfico, diagramação e artes
Daniel Aubert

Impressão
Grafmarques

Tiragem
200 exemplares

Disponível também no portal ufal.br

“ Fapeal lançou, desde 2015, 85 editais públicos e investiu cerca de R\$100 milhões ”

Fábio Guedes Gomes, diretor-presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas, fala sobre desafios no fomento à ciência

Eduardo Almeida

À frente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal) desde 2015, o professor da Universidade Federal de Alagoas, Fábio Guedes Gomes, relata com orgulho seus esforços para garantir transparência e democratização de recursos para a ciência no estado. Ao longo dos últimos sete anos, a Fapeal lançou 85 editais, beneficiando instituições de ensino superior federais e estaduais, além de órgãos públicos com atuação na área de pesquisa.

Mas o caminho até aqui não foi fácil. O gestor precisou lidar com sucessivos cortes orçamentários na área de ciência e tecnologia no país e com a pandemia da covid-19, que abalou o mundo e demonstrou - mais uma vez - a importância dos pesquisadores e das pesquisas. Nesta entrevista, Fábio Guedes fala à *Saber Ufal* sobre os desafios à frente da Fapeal e revela o que esperar da ciência alagoana para os próximos anos.

Eduardo Almeida: Professor Fábio Guedes, o senhor é natural do estado da Paraíba. Como se deu sua trajetória até chegar ao comando da Fapeal?

Fábio Guedes Gomes: Sou vinculado à Ufal [Universidade Federal de Alagoas] desde o final de 2008. Em janeiro de 2009, eu me mudei definitivamente de Salvador para Maceió. Havia saído de Campina Grande depois de ser convidado para atuar em algumas universidades na Bahia. Chegando na Ufal, lecionei nas graduações de Economia e de Administração e no mestrado em



Economia. Em 2013, pessoas do campo político, juntamente com integrantes da universidade, resolveram fazer um diagnóstico sobre as condições socioeconômicas do estado e fui convidado a integrar esse projeto. Acabei coordenando o trabalho que foi apresentado ao grupo político que almejava lançar uma candidatura. O grupo saiu vencedor à época. Logo após, o governador eleito me convidou para assumir a presidência da Fapeal. Pensei um pouco e aceitei o convite, porque sabia que tínhamos um diagnóstico em mãos e a plena consciência, seguindo a orientação do governador, de como fazer com que as áreas de ciência, tecnologia e inovação colaborassem para recuperar a capacidade do estado.

EA: Durante esse período à frente da Fapeal, o mundo enfrentou a pandemia da covid-19, no qual a ciência foi muito importante. Quais os desafios de comandar uma instituição de fomento à pesquisa durante a pandemia?

FGG: Nós tivemos uma experiência anterior, nos anos de 2017 e 2018. Foi uma experiência que afetou especialmente o Nordeste, que foi a crise do zika vírus. De repente, começaram a nascer crianças que apresentavam microcefalia, e isso começou a assustar a sociedade. Nós não tínhamos estudos que orientassem como resolver aquele problema. Rapidamente, reunimos 56 fundações e, com o apoio do Conselho Britânico, lançamos um edital em rede convocando a comunidade científica para entender melhor o problema. E nós chegamos a compreender o fenômeno em oito meses. Encontramos a solução, que era atacar o vetor. No caso da covid-19, nós tivemos um comportamento completamente contrário. Não houve uma preocupação do governo federal em entender que a pandemia era um problema sério e que a ciência teria um papel fundamental. Nesse sentido, os governadores do Nordeste tomaram uma decisão importante, que foi criar um comitê científico. Esse comitê tinha um representante de cada estado, sob a coordenação de dois eminentes cientistas. As fundações estaduais tiveram um papel importante, porque muitas fundações lançaram editais convocando a comunidade científica local para entender o fenômeno e orientar as instituições brasileiras, bem como os atores políticos. A Fapeal lançou não necessariamente um edital específico, mas fortaleceu ações dentro de um edital que já existia, que era o

edital do PPSUS [Programa Pesquisa para o SUS]. E foi na região Nordeste que a pandemia provocou menos consequências. Isso foi resultado das ações dos governadores em rede.

EA: Como foi lidar com o negacionismo?

FGG: A pandemia provocou dois fatos interessantes. O primeiro deles é que nunca a ciência brasileira recebeu tanta evidência nos meios de comunicação como nesse período. Todos os dias havia algum cientista falando sobre vacinação ou uso adequado de máscara. Por esse lado, foi muito positivo, e a ciência mostrou a sua cara para a sociedade brasileira. Por outro, a máquina de produzir *fake news*, ou seja, informações contrárias à racionalidade técnico-científica, era muito forte e foi um desafio usar estratégias de comunicação para combater o negacionismo. Vai levar um tempo para poder reverter essa situação.

EA: Qual era o cenário orçamentário para a ciência e tecnologia no Brasil durante a pandemia? Houve aumento no aporte de recursos?

FGG: Não. O que aconteceu foi que o governo elegeu como inimigos do país o conhecimento e a cultura. O orçamento das instituições foi escasseando com o tempo. Houve o que posso chamar de tentativa de destruição do sistema de produção de saber do país. Se você pegar o comportamento do governo federal nesse período recente, de negacionismo da ciência brasileira, o comportamento é completamente objetivo do ponto de vista de retirar recursos das áreas de ciência, tecnologia e inovação. Se você pegar do ponto de vista concreto, no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, o orçamento vem caindo assustadoramente, ano a ano, a partir de 2015, mas, a partir de 2018, essa redução se acelera de forma brutal.

EA: O portal de notícias G1 divulgou um levantamento do Observatório do Conhecimento que mostra que o orçamento previsto para as universidades brasileiras em 2023 será o menor dos últimos dez anos. Como evitar um "apagão" na ciência brasileira?

FGG: O orçamento das universidades tem pas-

sado por esse contingenciamento ano a ano. O que acena o atual governo agora é muito positivo, e começou com a negociação no Congresso para retirar da Lei do Teto dos Gastos os recursos extraordinários que as universidades podem contar. Além disso, a equipe de especialistas da educação que participou do Grupo de Trabalho, com a comissão de transição, negociou a recomposição orçamentária das universidades para que a gente retorne, pelo menos, ao patamar orçamentário em 2014, porque a situação é insustentável. Hoje elas sequer têm condições de se manter com o retorno às aulas no modo presencial. Nesse sentido, eu acredito que o primeiro ano [do novo governo] vai ser muito difícil. Vai ser um ano em que possivelmente será paralisado o processo de destruição do sistema de produção do saber do país, com a recomposição de algumas rubricas. Mas o processo para que possamos chegar a um nível adequado de investimento, que são os níveis registrados há dez anos, ainda vai levar um pouco mais de tempo para que possamos alcançá-lo.

No caso da Ufal, devemos considerar que ela é a maior universidade, que tem o maior número de programas de pós-graduação e que é a universidade com o maior número de pesquisadores

EA: Como Alagoas se posiciona, atualmente, no ranking nacional de produção do conhecimento científico?

FGG: Alagoas avançou muito. Mesmo nesse contexto de crise do financiamento da ciência e tecnologia, as universidades foram muito resilientes. Isso pode ser demonstrado pela avaliação da Capes, que divulgou os conceitos dos programas de pós-graduação no Brasil. Praticamente metade dos programas de pós-graduação do estado subiram de conceito. Por mais de 20 anos, em Alagoas, tínhamos apenas um programa nota 5. Agora, nós temos cinco programas com nota 5. É importante dizer que a participação das fundações estaduais para essa evolução foi fundamental. A Fapeal lançou, desde 2015, praticamente 85 editais públicos e investiu cerca de R\$100 milhões, sendo 70% desse montante

do tesouro estadual e 30% por meio de parceiros estaduais ou do governo federal. Esse conjunto de editais colabora para que a comunidade científica produza bons indicadores. É um processo complexo, no qual o governo estadual passou a ser o eixo central.

EA: Como se dá essa distribuição de recursos entre as instituições?

FGG: Geralmente, quando lançamos um edital, ele é aberto a todas as instituições. Com o edital público, você cria isonomia. No caso da Ufal, devemos considerar que ela é a maior universidade, que tem o maior número de programas de pós-graduação e que é a universidade com o maior número de pesquisadores. Então, é natural que a Ufal tenha uma capacidade maior de apresentar propostas. Mas nós também criamos programas específicos para as nossas universidades estaduais, porque sabemos o peso que têm e a importância de fazermos com que as nossas universidades estaduais possam saltar obstáculos e avançar mais aceleradamente no processo de qualificação. Então, basicamente, nosso conjunto de instituições de ciência e tecnologia do estado são duas instituições públicas federais, duas universidades estaduais, uma instituição de pesquisa, que é a Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária], e dois centros universitários.

EA: Nesse período, Alagoas ganhou o Centro de Inovação em Jaraguá. Qual é a importância desse centro para o desenvolvimento da pesquisa da ciência no estado?

FGG: Esse Centro é um espaço acalentado há pelo menos 15 anos pela comunidade científica, acadêmica e empreendedora no estado. É bom que se frise que o seu início se deu por um processo do governo federal de expansão de polos tecnológicos pelo Brasil. Quando assumimos, em 2015, o governador [Renan Filho] se sensibilizou sobre a importância do polo e, ao longo do seu governo, foi aportando recursos para fazer com que a obra avançasse. Hoje o Centro de Inovação está completamente habitado, e o preenchimento de sua instalação física é feito por meio de edital, caracterizando a empresa que vai ocupar e os benefícios gerados. Além disso, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação lan-

çou, em parceria com a Fapeal, uma série de editais importantes, que vão criando e robustecendo a massa crítica empresarial e universitária em Alagoas, por compreender que é importante você fazer e construir a sinergia entre universidade, empresas e o governo do Estado.

EA: O que os alagoanos podem esperar para os próximos anos em termos de investimento em ciência e tecnologia?

FGG: Alagoas amadureceu bastante nesses últimos oito anos. Isso contribuiu para que as discussões subam de nível. Os programas de pós-graduação em Alagoas, por exemplo, já compreenderam que não basta fazer pesquisa para contemplar a própria comunidade científica acadêmica, e sim pesquisas que sejam importantes para o estado, com impacto social e econômico. Nós amadurecemos bastante para sabermos que a ciência e a inovação

são vetores para o desenvolvimento de Alagoas. Nós estamos em patamar que podemos dar saltos estratégicos que podem nos levar, por exemplo, à internacionalização dos nossos programas de pós-graduação. Quer ter uma ideia? Em novembro de 2022 foi divulgado o resultado do edital "Amazônia +10". Foram selecionadas 39 propostas do Brasil inteiro, e a proposta número um, a mais bem avaliada, foi liderada por um pesquisador de Alagoas.

Perfil:

Fábio Guedes Gomes

Graduado em Ciências Econômicas, com mestrado em Economia Regional e doutorado em Administração; professor da Ufal desde 2008; diretor-presidente da Fapeal desde 2015.

CT&I e desenvolvimento: por que é preciso fortalecer a Ufal

Reynaldo Rubem Ferreira Jr – professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac) da Ufal

Pensar a interação Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) e desenvolvimento exige reflexão acerca das seguintes questões: por que é preciso conhecer para desenvolver? Ou por que é preciso que haja interação entre as cadeias de conhecimento e produção?

Entender os reflexos da aceleração dos processos de transformação digital desencadeada pela covid-19, colocando o imperativo da não dependência dos países em desenvolvimento, como o Brasil, dos mercados externos de bens e serviços de maior intensidade tecnológica, principalmente na área de saúde, é um bom caminho para a compreensão da interação dinâmica entre CT&I e desenvolvimento.

Os fundamentos do desenvolvimento, como protagonizado por Schumpeter no início do século passado, estão no empreendedorismo, na inovação e no capital [crédito], que financia as novas combinações tecnológicas. As pesquisas dos neoschumpeterianos apontaram para a necessidade de arranjos institucionais [os Sistemas de Inovação] para que sistemicamente fossem fundadas as condições para o desenvolvimento econômico, social e ambiental das nações.

A ideia de Estado empreendedor sustentada por autores como Mariana Mazzucato dá ainda mais sentido à crucial aliança estratégica entre o setor privado, as instituições do conhecimento e os governos nas três dimensões: federal, estadual e municipal. Tal aliança, por sua vez, exige que os caminhos do desenvolvimento sejam orquestrados por esses diferentes atores, buscando gerar sintonia nos propósitos e missões inovadoras. Não há um ambiente favorável ao surgimento e ao fortalecimento das instituições privadas, notadamente ao nível das organizações empresariais [firmas], com concentração de riqueza e exclusão social, uma vez que não há agregação de valor e, conseqüentemente, mercados para as empresas em nível local.

Infelizmente no Brasil estamos armadilhados em uma lógica de gestão macroeconômica que favorece o rentismo [ganhos com aplicações financeiras] em detrimento da produção de riqueza e do bem-estar social [inclusão social]. Para se ter uma ideia dos efeitos negativos de tal lógica, apesar dos superávits primários no governo Lula e das reformas trabalhista e da previdência nos governos Temer e Bolsonaro, de 1996 a 2021 apenas em dois anos específicos, 2010 e 2021, a taxa de crescimento real da economia esteve acima da taxa de juros real. Não há dívida que se mantenha em uma trajetória de redução em relação ao PIB com tamanha disfunção financeira, o que acontece desde o governo

FHC.

Os efeitos de tal política macroeconômica podem ser observados nos seguintes dados. Comparando-se o último ano do governo Lula com o penúltimo do Bolsonaro, observa-se que os recursos destinados à dívida pública representam a maior parcela das despesas pagas do orçamento federal executado, ou seja, 45,3% e 50,9%, respectivamente. Não só houve aumento da participação financeira no bolo, no período em análise, como este se deu em detrimento dos recursos destinados aos investimentos produtivos e ao pagamento de pessoal e encargos sociais. Ou seja, na lógica do mercado financeiro, a prioridade é a rentabilidade dos rentistas e não as políticas produtivas e sociais.

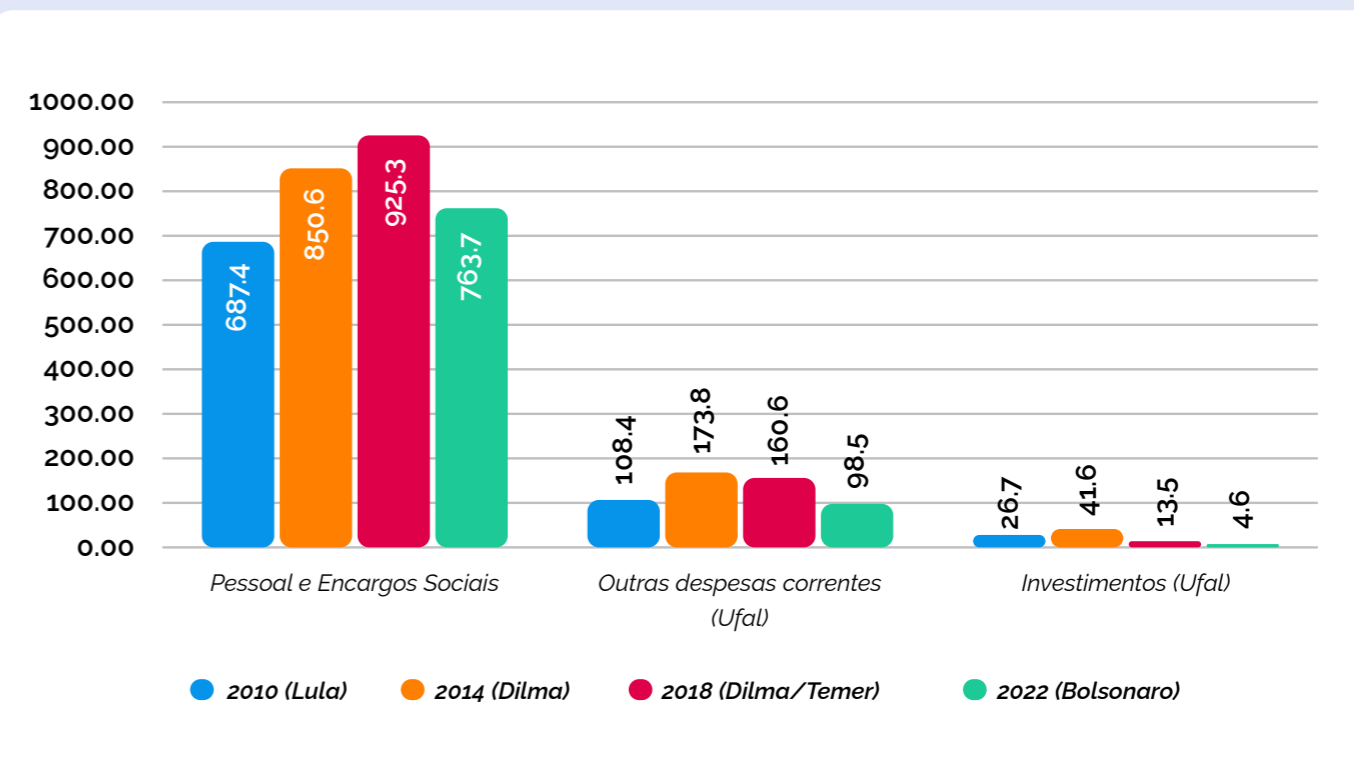
O microcosmo da Ufal, crucial por sua capacidade de gerar quadros qualificados [em níveis de graduação, mestrado e doutorado], pesquisas [P&D] e extensão para o desenvolvimento de Alagoas, vem sofrendo os reflexos negativos do rentismo, como pode ser observado no gráfico n° 1.

De 2018 a 2022, houve redução real de 17,5%

dos gastos com pessoal, de 38,8% das despesas correntes e de 66,1% dos recursos para investimentos. Cortes de recursos desta natureza não só põem em risco a sobrevivência da Ufal como também a própria capacidade de desenvolvimento em um estado que tem mais de 50% da população em situação de pobreza.

É inadmissível, deste modo, que a defesa do patrimônio social da Ufal, a qual representa o principal pilar da cadeia de conhecimento de Alagoas, ainda não tenha sensibilizado a maioria dos que fazem a Ufal e a própria sociedade alagoana. Penso que só há uma explicação para tal despropósito: a cultura do protagonismo individual [uma espécie de "farinha pouca, meu pirão primeiro"] que coloca em segundo plano um coletivo constituído de pessoas, em sua grande maioria, vivendo em condições de pobreza ou extrema pobreza. Acredito que ainda há tempo para se rever essa cultura, mas isso dependerá da conscientização de todos quanto a qual deve ser o verdadeiro papel da Ufal no desenvolvimento de Alagoas. Pensem nisso!

Gráfico n° 1 - Despesas do Orçamento Federal Executado na Ufal em 2010, 2014, 2018 e 2022 (R\$ mi)



Fonte: Elaboração própria com dados do Siop/Secretaria de Planejamento do Governo Federal
Nota: os valores estão corrigidos pelo IPCA de novembro de 2022



Arquivo pessoal

PLANEJAMENTO

“2023 será um ano de reposicionamento global das universidades”, afirma reitor da Ufal

Apesar do cenário econômico adverso, Josealdo Tonholo faz planos e propõe reflexão sobre a atuação no período pós-pandemia

Reitor Josealdo Tonholo lamenta a falta de recursos, mas tem esperança de que haverá reposicionamento no orçamento

Eduardo Almeida

Após sofrer com sucessivos cortes orçamentários e enfrentar a pandemia da covid-19, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) traça seus planos para um futuro promissor. O retorno presencial das atividades, em meio a um contexto econômico adverso, impõe desafios adicionais. Para superá-los, o reitor Josealdo Tonholo defende que 2023 seja um ano de reposicionamento e propõe uma reflexão sobre a atuação da instituição no período pós-pandemia.

A missão, porém, não será fácil: de acordo com levantamento do Observatório do Conhecimento, di-

vulgado pelo portal de notícias G1, as universidades federais brasileiras devem contar, em 2023, com o menor orçamento dos últimos dez anos. Na prática, a falta de recursos dificulta não apenas investimentos em melhorias estruturais e modernização dos *campi*, mas a manutenção das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão.

“O ano de 2023 será um ano de reposicionamento global das universidades. Então, eu espero que tenhamos a reposição para um orçamento minimamente digno, que compense as deficiências dos últimos anos. Também é necessário que a universidade faça o seu planejamento em função das mu-

danças sociais trazidas pela pandemia. Será que nossos municípios estão clamando por alguma inserção regional que não tem sido atendida?”, refletiu Josealdo Tonholo.

Nos últimos anos, a Universidade buscou fazer o seu “dever de casa”: revisou contratos, reduziu custos e modernizou sistemas e fluxos internos, buscando superar as dificuldades impostas pelos sucessivos contingenciamentos de recursos. No entanto, com a retomada das atividades presenciais, novas demandas passam a surgir, o que exige, por um lado, a responsabilidade na gestão e, por outro, a garantia de continuidade dos serviços.

“Até 2022, nós conseguimos fazer um ajuste em função da desocupação que a gente teve da universidade durante a pandemia. Houve um verdadeiro processo de reengenharia para revisão de todos os contratos que a universidade tem. Mas, para 2023, a lei orçamentária é inferior àquilo que a gente executou nesses últimos dois anos. Nós vamos precisar do apoio muito forte da nossa bancada federal”, destacou Tonholo.

E complementa: “Ou a gente tem o reposicionamento do governo federal em relação ao papel das universidades, em especial à necessidade de orçamento, ou nós poderemos vir a ter problemas de descontinuidade de algumas atividades, porque o orçamento deste ano não permitirá tratar de despesas que a gente chama de contratos não continuados”.

Avanços

Apesar das dificuldades enfrentadas, sobretudo em virtude dos cortes orçamentários, a Ufal acumula avanços ao longo dos últimos anos. Uma dessas conquistas - provavelmente, a mais expressiva - é a melhoria na avaliação realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 19 programas de pós-graduação desenvolvidos atualmente na universidade.

“Isso demonstra o grau de comprometimento de cada um dos docentes que está fazendo atividade de pesquisa na instituição e o grau de organização dos cursos de pós-graduação”, frizou Tonholo, que

aponta, além do ganho institucional, avanços no desenvolvimento da ciência e da tecnologia no estado de Alagoas.

“Particularmente, as atividades na área de tecnologia de informação estão avançando. Atualmente, por exemplo, os projetos desenvolvidos no Instituto de Computação alavancam orçamento maior do que o próprio orçamento da universidade, e isso tem assegurado uma contribuição muito grande para resolver problemas relevantes do estado de Alagoas, dos municípios, mas também de empresas e do governo federal”, complementou o reitor.

Um exemplo de como as pesquisas desenvolvidas na universidade refletem na solução de problemas reais foi a produção de uma ferramenta para ser usada na Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz). O recurso, denominado de Calt, propõe o cálculo automático dos tributos devidos nas operações interestaduais destinadas a Alagoas. O estudo teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Alagoas (Fapeal) e conseguiu elevar a arrecadação tributária no Estado. No primeiro quadrimestre de 2021, houve um aumento de R\$ 315 milhões, em comparação ao mesmo período de 2020.

“Além da computação, a Ufal vem se destacando em diversas outras áreas, como administração, saúde, humanidades e sociais aplicadas, que estão envolvidas nessas ações de inovação”, revelou Tonholo.

Interiorização

Uma das iniciativas desenvolvidas ao longo de 2023 deve ser a análise situacional das unidades da Ufal no interior. Conforme Josealdo Tonholo, o desenvolvimento de cursos deve ser avaliado não apenas do ponto de vista da estrutura física, mas também do ponto de vista da oferta acadêmica que eles levam para a sociedade.

“Precisamos fazer essa revisitação da oferta para atender melhor o posicionamento nosso no interior e precisamos entender qual a nova realidade do estado de Alagoas”, concluiu o reitor.



SUPERANDO DESAFIOS

Ufal se reinventa durante a pandemia e forma mais de **3 mil novos profissionais**

Apesar das adversidades, instituição investiu na capacitação de seus professores e na modernização de seus marcos regulatórios

Desafio da Prograd é manter as salas de aula com alunos e alunas e buscar alternativas para reduzir a evasão na Universidade

Eduardo Almeida

A pandemia de covid-19 e os sucessivos cortes orçamentários impuseram desafios adicionais ao funcionamento das instituições de ensino superior federais nos últimos três anos. No entanto, apesar das adversidades, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) formou mais de três mil novos profissionais entre os anos de 2020 e 2022, cumprindo o seu papel social e beneficiando diretamente a população do estado.

Para chegar a esse número de concluintes, a Ufal precisou modernizar seus marcos regulatórios, reorganizar seu calendário acadêmico e promover uma série de capacitações para que os professores e técnicos pudessem adaptar suas atividades à nova realidade. A Pró-reitoria de Graduação (Prograd) da Universidade aponta que mais de 1.600 professores participaram de capacitações ao longo dos últimos três anos.

"Nós temos um programa chamado Proford

[Programa de Formação Continuada em Docência do Ensino Superior], que é referência nacional e foi aprovado na Ufal em 2014. O programa trabalha a formação continuada dentro de temáticas contemporâneas, como o uso das metodologias ativas, avaliação em uma perspectiva inovadora e políticas inclusivas", explicou Amauri Barros, professor e pró-reitor de Graduação.

E pontua: "Nós avançamos muito, aprendemos muito. Foram mais de 1.600 professores que partici-

param de formações, um número expressivo. Foram abordados temas como ferramentas de comunicação, Moodle básico e avançado, Microsoft Teams, Google Meet, que possibilitaram a execução dos trabalhos".

Outra iniciativa que beneficiou diretamente a comunidade acadêmica, ao longo dos últimos anos, foi a criação de um programa de mobilidade entre as quatro universidades públicas do estado: a Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), a Universidade



Simoneide Araújo

Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), o Instituto Federal de Alagoas (Ifal) e a Ufal. A iniciativa permite que estudantes de uma instituição cursarem disciplinas em outra.

"Essa é outra iniciativa que se tornou referência. O programa de mobilidade entre as instituições públicas de ensino superior de Alagoas surgiu em meio à pandemia e permitiu que os estudantes realizassem as atividades de interesse de forma remota, com os créditos aproveitados em sua universidade de origem. Uma iniciativa inovadora, que trouxe muitos benefícios para a comunidade acadêmica", destacou Barros.

Embora tenha registrado avanços importantes, a pandemia de covid-19, os cortes orçamentários e as posturas norteadoras de autoridades públicas impuseram novos desafios para a Universidade. Um deles - e talvez um dos mais impactantes - foi a grande evasão ocorrida durante os últimos anos. A Ufal precisou desenvolver novas estratégias para atração e manutenção dos estudantes durante esse período.

"A Ufal chegou a contar com aproximadamente 25 mil estudantes de graduação, mas, nos últimos anos, esse número caiu para cerca de 20 mil. No período letivo 2021.2, por exemplo, foram registradas 700 vagas ociosas. No primeiro período de 2022, deixamos de preencher 400 vagas. Agora, para 2022.2, nós estávamos com 626 vagas ociosas. Um número muito expressivo, que nos levou a adotar medidas urgentes", afirmou o pró-reitor Amauri Barros.

Uma dessas medidas adotadas pela Ufal foi o lançamento de um processo seletivo simplificado, o qual permitiu que os candidatos utilizassem a melhor nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) nos últimos dez anos. A iniciativa foi considerada um sucesso: foram ofertadas pouco mais de 600 vagas, em diversos cursos, que passaram a ser disputadas por cerca de 10.300 candidatos.

"Quem fez o Enem entre os anos de 2011 e de 2021 pôde participar da seleção. O número de inscrições superou as nossas expectativas: foram mais

Trazer alunos e alunas de escolas para conhecerem a Ufal e seus cursos foi a meta do Simpósio Intermunicipal de Pesquisa e Tecnologia na Educação Básica: a função social da universidade em debate (Sinpete), realizado em 2022.

de 10.300 candidatos. Essa é uma iniciativa inspiradora para outras instituições. Uma das poucas iniciativas registradas, na qual nós buscamos alternativas para o preenchimento das vagas deixadas pelo Sisu [Sistema Unificado de Seleção]", detalhou Barros.

De acordo com o pró-reitor, a evasão nas universidades é um fenômeno nacional. "Nós passamos por um momento muito difícil. Ainda não temos um diagnóstico preciso, mas as informações que temos são que a evasão resulta da pandemia, da situação socioeconômica do país e do período negacionista, no qual não havia incentivo à formação superior. Muito pelo contrário. Nós ouvimos que os estudantes deveriam fazer apenas o curso técnico e que a universidade era lugar de balbúrdia", acrescentou.

Para os próximos anos, a Pró-reitoria de Gradu-

ação da Ufal prepara inovações: a primeira delas é a migração do sistema acadêmico Sieweb para o Sigaa, o que deve ampliar as possibilidades de gestão e de acesso a informações. A previsão é que a migração aconteça ainda este ano de 2023. Além disso, está previsto o fortalecimento de ações de mobilidade acadêmica e de capacitações voltadas para os professores da Universidade.

"Nós também buscaremos atualizar nosso marco regulatório. Nessa perspectiva, a gente precisa revisar os projetos pedagógicos e atualizar a nossa legislação. A ideia é qualificar os cursos e desenvolver ações para atrair mais estudantes. Outra proposta da Ufal é aumentar a interlocução com o ensino básico e abrir ainda mais as portas da Ufal. São grandes desafios, mas sabemos que são possíveis de serem concretizados", finalizou Amauri Barros.

Pró-reitor Amauri Barros (de camisa vinho) e equipe da Prograd também estão empenhados em atualizar a legislação da Ufal



Reimer Boldrino

CONQUISTAS

Histórias, sonhos e emoções de quem conseguiu **diploma de médico pela Ufal em Arapiraca**

Jovens egressos da segunda turma do Campus Arapiraca contam como a Universidade foi parte essencial para mudança de vida

Conquista em dobro: os irmãos Walter e Vinício saíram de Delmiro Gouveia e concluíram juntos, na mesma turma, o curso de Medicina

Manuella Soares

Três tumores cerebrais, quatro cirurgias, um ano de quimioterapia e 32 sessões de radioterapia. Quem dá nome a essa história é o egresso da Ufal, Euclides Oliveira da Cunha, e só não existe um final feliz porque não acabou. Todos os dias, a história ganha novos capítulos, mas agora está sendo escrita pela versão do Euclides médico, recém-diplomado no curso de Medicina do Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas.

O diploma é resultado de um profissional formado com cicatrizes transformadas. "Eu consegui mudar como pessoa, ver a vida de maneira diferente. Se você for analisar pacientes com câncer, percebe que eles são felizes mesmo passando por aquele tipo de problema. É porque eles veem a vida diferente, conseguem perceber algo muito maior nesse mundo do que simplesmente ficar rico ou ter um bem material, por exemplo. Eles percebem a beleza do dia", destacou Euclides.

E foram longos dias. O curso de Medicina na Ufal durou oito anos, entre pausas para procedimentos e recuperação, Euclides contou com o apoio da família e da comunidade universitária de mãos dadas, acreditando que ele conseguiria superar.

"Meu terceiro procedimento cirúrgico foi durante o Internato, que é um momento puxado, que tem trabalhos de prática. Eu quase perderia um ano de novo, mas graças a Deus consegui conciliar quando voltei. Fiz mais carga horária e segui com a turma", lembrou dos esforços coletivos para que ele não perdesse a oportunidade de concluir a graduação.

Foi essa mesma turma acolhedora do Euclides que teve a primeira Colação de Grau presencial do curso de Medicina do Campus Arapiraca, em fevereiro deste ano. A Ufal não entregou para a sociedade apenas números de CRM. Dentro de cada jaleco, estão profissionais mais humanizados, que já iniciaram suas carreiras mostrando o olhar diferenciado para a missão do cuidado com o outro. Em votação unânime,

a comissão de formatura elegeu a turma 2016.2 com o nome de Euclides Oliveira da Cunha. Mais do que uma homenagem, uma demonstração de amor!

"Eu não esperava! Eles são diferenciados, conseguiram identificar a dor do colega a ponto de fazer essa homenagem. Um ponto importante da turma que a gente deve ressaltar é essa humanidade dos alunos!", falou Euclides com emoção.

Bem de saúde, coração aquecido de amigos, um diploma de médico e aliança no dedo. Agora Euclides tem muitas páginas para escrever como egresso da instituição que transformou sua vida, desde que trocou o trabalho de feirante pela dedicação aos estudos.

Missão (quase) de mãe

Muitas histórias cabem em uma graduação na Ufal. E em muitas delas os sonhos são coletivos. Aluno e família vivem juntos todos os sentimentos que envolvem estar numa universidade. Os irmãos Walter e Vinício saíram de Delmiro Gouveia e conseguiram chegar à graduação de Medicina em Arapiraca no mesmo ano, na mesma turma!

"Sempre fomos muito unidos, estudamos e revisamos juntos durante toda faculdade, praticamente tendo acesso aos mesmos textos e aulas", contou Walter. "Nossa relação foi sempre de parceria. Temos os mesmos amigos, tirávamos notas parecidas, íamos para faculdade, academia e plantões quase sempre juntos", emendou Vinício.

Concluintes da segunda turma, os irmãos viram de perto o crescimento do curso que começou com uma equipe de 13 docentes e 25 técnicos. "Fomos como desbravadores e enfrentamos uma série de problemas quanto a campos de prática, mas sempre tivemos excelentes professores e preceptores que, até certo ponto, compensaram todas as dificuldades impostas pela carência de estrutura inicial", lembrou Walter.

Ele já deixou o curso bem mais estruturado, com quase 50 professores efetivos, um complexo inaugurado e várias parcerias firmadas para campos de

prática em hospitais e unidades básicas da região. Acreditar no sonho valeu a pena.

"A Ufal foi uma das melhores coisas que aconteceram na nossa vida. Através dela podemos ter acesso a uma educação superior de qualidade, que permitiu transformar a vida da nossa família. Hoje, boa parte do que tenho eu devo ao que a Universidade me proporcionou. Levo da Ufal muitos ensinamentos e amigos", completou.

Pode não ser uma mãe, mas a Ufal tem dos seus alunos o mesmo orgulho sentido ao receber de volta um filho formado – ou dois –, prontos para ganhar asas!

"A experiência da colação foi única, passa um filme na cabeça de que todo seu esforço foi recompensado. Nossa mãe estava muito ansiosa falando sobre isso, a euforia e a emoção de formar dois filhos médicos era nítida. O que sinto é felicidade e orgulho por toda nossa caminhada", comemorou Vinício, irmão de Walter, colega de Euclides e dos outros 25 novos médicos que a Ufal ajudou a (trans)formar.

Euclides Oliveira, médico recém-graduado pela Ufal



Arquivo pessoal



INCLUSÃO E PERMANÊNCIA

Universidade amplia assistência estudantil com a criação de programas inovadores

Levantamento mostra que mais e 3.800 estudantes foram diretamente beneficiados por ações da Proest durante o ano de 2022

Restaurante Universitário, um dos pontos fortes da assistência estudantil, garante alimentação na capital e no interior

Eduardo Almeida

Com a proposta de assegurar a permanência dos estudantes na instituição, em meio à maior crise de saúde do século 21, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) ampliou suas ações assistenciais nos últimos anos. A instituição apostou em programas inovadores, não apenas oferecendo suporte financeiro como também intensificando iniciativas para garantir acessibilidade e inclusão.

Um levantamento realizado pela Pró-reitoria Estudantil (Proest) da Ufal revela que, somente no ano de 2022, 3.857 estudantes foram beneficiados por ações assistenciais. Essas iniciativas incluem pagamento de bolsas, moradia na Residência Universitária Alagoana, acesso ao Restaurante Universitário, além de apoio pedagógico e acompanhamento para os discentes.

De acordo com o pró-reitor Estudantil, Alexandre Lima, as políticas públicas desenvolvidas pela Uni-

versidade são fundamentais não apenas para garantir o acesso dos estudantes à instituição de ensino, mas, sobretudo, para possibilitar que esses mesmos estudantes possam concluir os seus cursos.

"De forma inovadora, nós criamos na Ufal nos últimos anos a modalidade auxílio-creche, para estudantes que são pais e mães de crianças de até cinco anos e 11 meses; lançamos uma nova modalidade assistencial, chamada ajuda de custo, que visa auxiliar os estudantes na compra de equipamentos acadêmicos; e também ampliamos as ações com foco no atendimento à saúde", destacou o pró-reitor.

E complementa: "Além dessas iniciativas, nós fizemos a implantação do Laboratório de Acessibilidade, uma parceria do Núcleo de Acessibilidade com a Biblioteca Central, para atender aqueles estudantes que têm algum tipo de deficiência. O Laboratório se dedica à produção de material didático para atender a esse público e, assim, garantir inclusão dentro da Universidade".

Seleções contínuas

Uma das grandes mudanças promovidas na área estudantil foi a publicação periódica de editais, em especial do cadastramento socioeconômico, no qual os estudantes manifestam interesse em participar das ações assistenciais. A atual gestão da Universidade tornou a publicação contínua, de modo que, a cada início de semestre, um novo edital busca selecionar possíveis beneficiários.

"Antes dessa gestão, esse edital era publicado a cada dois anos. Então, o estudante que ingressava na Ufal não tinha a oportunidade de participar do edital. Desde 2022, a gente começou a utilizar a estratégia de lançar o cadastramento socioeconômico sempre a cada início de semestre. Isso foi muito importante, porque você estabelece um fluxo contínuo", contou, com orgulho, o pró-reitor Alexandre Lima.

Mas, as ações de assistência estudantil esbararam nos sucessivos cortes de recursos registrados pelas universidades públicas nos últimos anos. De acordo com a Pró-reitoria Estudantil da Ufal, a falta de recursos afetou diretamente o volume de auxílios ofertados, provocou o atraso no repasse e comprometeu até mesmo iniciativas para garantir mais acessibilidade dentro da instituição.

"Dados da última pesquisa realizada pelo Fórum Nacional dos Pró-reitores de Assistência Estudantil, publicados em 2019, mostram que a Ufal tem mais de 70% de estudantes dentro do perfil de vulnerabilidade, ou seja, cuja renda familiar é de até um salário mínimo e meio. Então, a redução de orçamento afetou

diretamente o nosso público. A gente tem uma procura muito grande, mas não consegue atender todos os estudantes que manifestam interesse nos auxílios por falta de orçamento", pontuou Lima.

Para os próximos anos, a Pró-reitoria Estudantil planeja a ampliação no número de estudantes beneficiados por programas assistenciais, minimizando a demanda reprimida. A medida, entretanto, depende de negociação com o governo federal e do aumento no aporte de recursos para a Ufal. Além dessa ampliação, a Proest planeja uma maior integração com outros setores acadêmicos.

"A ideia é fomentar parcerias com outras pró-reitorias acadêmicas, no sentido de estimular o estudante a desenvolver atividades diversas ao longo do seu percurso na Ufal. Já tivemos edital com a Prograd [Pró-reitoria de Graduação], para o Programa de Monitoria, no qual os selecionados integravam nossos bancos de pessoas em situação de vulnerabilidade, e nós pretendemos estender esse tipo de iniciativa", concluiu Alexandre Lima.

Atuação

A Pró-reitoria Estudantil atua em quatro linhas prioritárias de ações: inclusão e permanência; apoio ao desempenho acadêmico; promoção da cultura, do lazer e do esporte; e assuntos de interesse da juventude, o que resulta em assistência à saúde, à moradia e à alimentação, na concessão de bolsas permanência e em programas de apoio à vida acadêmica nas dimensões social, política, cultural, esportiva e de formação técnica.

Equipe da Proest, liderada por Alexandre Lima (de camisa vermelha à direita), desenvolve ações para garantir assistência estudantil





Reitor Josealdo Tonholo e vice-reitora Eliane Cavalcanti na entrega do Prêmio Ufal de Dissertação e Tese 2022, promovido pela Propep

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Programas de pós-graduação da Ufal têm a **melhor avaliação** dos últimos 30 anos

Universidade registrou crescimento de 45% nos conceitos de cursos; 13 novas propostas estão sob avaliação da Capes

Eduardo Almeida

Quando o assunto é ciência e tecnologia, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) se destaca. Instituição com o maior número de programas de pós-graduação no estado, a Ufal conquistou, no último triênio, a sua melhor avaliação dos últimos 30 anos nessa área. Seus programas de pós-graduação registraram um crescimento de 45% no conceito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A melhoria na avaliação desses programas se torna ainda mais relevante quando consideramos o contexto no qual ocorreu: em meio à pandemia de covid-19, considerada a maior crise de saúde do século 21, e diante de sucessivos cortes no número de

bolsas destinadas a estudantes de pós-graduação. Com planejamento e ações inovadoras, a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (Propep) comemora os resultados.

"Apesar da crise vivenciada na saúde, na economia e na política, que atingiu de maneira nunca imaginada as universidades públicas do país, a atual gestão imprimiu reformas de fluxos de trabalho, processos e execução financeira que permitiram otimizar os gastos e atender a inúmeras demandas represadas e outras totalmente inéditas, como editais e premiações, eventos e publicação de anais", informou a pró-reitora da Propep, Iraíldes Assunção.

Atualmente, a Ufal conta com 38 programas de pós-graduação, que abrigam 2.070 estudantes. A ins-

tituição conta com um programa nota 6 (Rede Renorbio de Biotecnologia); com quatro programas com nota 5 (Ciências da Saúde, Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Física e Serviço Social) e 11 programas com nota 4 (Ciência Animal, Ciências Farmacêuticas, Dinâmica do Espaço Habitado, Economia, Geografia, História, Linguística e Literatura, Meteorologia, Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação, Psicologia e Recursos Hídricos e Saneamento).

"A pesquisa na Ufal experimentou três anos de renovação, que reafirmaram o compromisso da atual gestão não apenas com o ensino, com a pesquisa e com a extensão, como também com o desenvolvimento e a consolidação das pós-graduações, integrando as três dimensões anteriores", ressaltou a pró-reitora.

O fomento à pesquisa e à pós-graduação na Ufal incluiu alterações em marcos regulatórios, com a publicação de resoluções e de instruções normativas para adequar e disciplinar os programas de pós-graduação, os programas institucionais de bolsas de iniciação científica e a pesquisa. Foram regulamentados, por exemplo, a criação, a administração e o uso da plataforma de equipamentos multiusuários.

"Desde março de 2020, a Propep vem se adaptando à nova realidade, provocada pelo contexto pandêmico, que trouxe grandes desafios. Ao longo desse tempo, toda a estrutura administrativa da pró-reitoria foi adaptada, e os processos remodelados para atender às demandas de pesquisa, pós-graduação e inovação da Ufal. Por outro lado, as tecnologias da informação ficaram mais presentes no dia a dia dos técnicos-administrativos, docentes e discentes", pontuou Iraíldes Assunção por meio de nota enviada à *Saber Ufal*.

As políticas de incentivo à pesquisa e à pós-graduação incluíram ainda o estímulo a parcerias com o poder público e com o setor produtivo. Em cooperação com órgãos dos governos municipal e estadual, além do setor industrial e pequenos empresários, a Universidade aprovou, em primeiro lugar, o projeto no edital Digital BR, da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial do governo federal, que teve como objetivo selecionar propostas para promover

a transformação digital para o setor produtivo.

"A atual gestão imprimiu uma marca não só no incentivo à pesquisa, mas à inovação e à tecnologia. E isto fez a diferença nos quatro anos mais sombrios vividos pela nossa Ufal, pois aprendemos a buscar recursos no setor produtivo, reforçando o conceito de que na Universidade se ensina porque se pesquisa", acrescentou Iraíldes Assunção.

Perspectivas

Se o presente é motivo de orgulho, o futuro se mostra ainda mais promissor. Estão em fase de análise na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) 13 novos APCN [Aplicativo para Propostas de Cursos Novos], como são chamados os projetos de cursos. Se implantados, os novos programas vão beneficiar não apenas os estudantes da capital, mas também os do interior.

Foram enviadas propostas de doutorado para os programas de Ciência Animal, Matemática, Psicologia, Nutrição, Ciências da Informação, Sociologia, Geografia, Ciências Farmacêuticas, além de propostas de cursos de mestrado para Administração Pública, Energias Renováveis, Zootecnia, Ciências do Movimento e Ensino, Linguagens e Culturas, para o Campus do Sertão.

Outra perspectiva positiva para o futuro da pós-graduação na Ufal diz respeito à internacionalização dos programas. "Pretendemos consolidar uma política de planejamento para a pós-graduação, articulando os objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) com a política institucional de internacionalização em todos os níveis, destacando a pós-graduação como uma prioridade a ser enfrentada", destacou a pró-reitora.

"O atual governo federal sinaliza um outro horizonte, com um caminho de progresso e valorização da Educação, da Ciência, da Tecnologia e da Inovação. Portanto, esperamos que novos recursos sejam disponibilizados para atender a editais de fomento à pesquisa e incremento, não só no valor, mas na quantidade de bolsas. Isto já tem sido sinalizado pelos presidentes das duas principais agências".



Pró-reitora Iraíldes Assunção (em pé) e sua equipe da Propep celebram conquista dos cursos de pós com aumento do conceito da Capes

NIT registra 79 patentes e 82 novos programas de computador nos últimos três anos

Eduardo Almeida

Ciência e tecnologia caminham lado a lado na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). No período de 2020 a 2022, em meio à pandemia de covid-19 e a seguidos cortes de recursos, o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Ufal registrou 79 patentes, 15 marcas, seis desenhos industriais e 82 novos programas de computador, assegurando proteção intelectual para esses produtos e desenvolvimento tecnológico para o estado.

Apesar do cenário adverso, os números registrados nesse período são superiores àqueles contabilizados entre os anos de 2017 e 2019, quando foram registradas 72 patentes, quatro marcas, dois desenhos industriais e seis novos programas de computadores. Os avanços só foram possíveis graças ao empenho de uma equipe comprometida e qualificada.

"Temos [no NIT] uma equipe muito reduzida, mas nós podemos destacar que essa equipe está devidamente qualificada, inclusive com a formação no mestrado do Profinit, que é o mestrado profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tec-

nologia para a Inovação", explicou Sílvia Uchôa, coordenadora do NIT da Ufal.

Outro fator que tem contribuído com o desenvolvimento tecnológico na Ufal foi a aprovação da política de inovação institucional, segundo o novo Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação, no ano de 2022. "Também podemos citar o reconhecimento de outras áreas da Universidade, que reconhecem o papel desempenhado pelo NIT", acrescentou a coordenadora.

No entanto, apesar do importante crescimento registrado ao longo dos últimos anos, a coordenadora do NIT da Ufal reconhece que ainda há espaço para avançar. E a principal aliada na busca pela inovação é a informação. Para Sílvia Uchôa, é fundamental que o debate sobre desenvolvimento tecnológico paire os diversos setores da Universidade.

"O que a gente verificou, desde que assumi o NIT, há aproximadamente seis meses, é que ainda há um desconhecimento e que nem todos os setores estão alinhados com a questão da inovação. Acredito que a falta de disseminação de uma cultura de inovação dificulta a compreensão e até a consolidação

da inovação dentro da nossa instituição", expôs Uchôa.

O que também dificulta a atuação do Núcleo são as limitações orçamentárias. "Percebemos que, em 2020, houve um aumento nos depósitos, mas, logo em seguida, um decréscimo. Isso é reflexo da diminuição dos recursos para investimentos em inovação. Houve menos editais, menos apoio para as atividades de inovação. E isso se refletiu também em todo esse quadro que nós estamos vivendo atualmente", afirmou Uchôa.

Para os próximos anos, a coordenadora do NIT prevê a conclusão de projetos que vão possibilitar a maior integração entre a Ufal e a iniciativa privada, o que deverá impulsionar ainda mais o desenvolvimento científico e tecnológico, inicialmente, dentro da Universidade e, de forma mais ampla, no estado de Alagoas.

"A perspectiva para o curto prazo é que a gente possa ter a nossa vitrine tecnológica finalizada. Essa ação está sendo desenhada com o NTI [Núcleo de Tecnologia da Informação] para que a gente possa colocar as tecnologias de uma forma mais visível dentro da plataforma da Ufal. Dessa forma, fazer ofertas

tecnológicas e que a gente possa colocar editais para que as empresas busquem essas tecnologias", assegurou Sílvia Uchôa.

O que é o NIT?

O Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da Ufal é responsável pela gestão da política de inovação da Universidade. Dentro dessa política institucional, são trabalhados aspectos como propriedade intelectual, transferência de tecnologia e empreendedorismo.

Na área de propriedade intelectual, o NIT atua principalmente com patentes, marcas, desenhos industriais, programas de computador e as cultivares, que são novas variedades de plantas de diferentes espécies e gêneros vegetais destinados à produção agrícola.

Há ainda uma atuação voltada para a área de projetos, com a verificação de acordos, convênios e contratos para que a propriedade intelectual gerada nesses instrumentos jurídicos possam ser devidamente aproveitados pela universidade.

Professora Sílvia Uchôa (segunda da esquerda para direita) coordena a equipe do Núcleo de Inovação Tecnológica da Ufal



Universidade implanta **laboratório inclusivo** para estudantes cegos

Labparatodos recebeu Prêmio de Excelência Acadêmica dos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica

Jacqueline Freire

Incluir e ao mesmo tempo desconstruir a ideia de capacitismo, que é a discriminação de pessoas com deficiência. Esse foi o ponto de partida dos estudantes Felipe Neves e Hevelyn Oliveira com o projeto de pesquisa Labparatodos: Laboratório Virtual e Inclusivo de Parasitologia. O propósito era unir tecnologia assistiva e biologia, e a ideia deu tão certo que os dois foram premiados com a Excelência Acadêmica dos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Esta é a primeira vez que um projeto dentro de uma universidade brasileira pensa em inclusão antes mesmo de receber estudantes com deficiência. Não há na literatura descrição sobre a aplicação da audiodescrição para imagens microscópicas com fins didáticos. "A Ufal vai acessibilizar lâminas parasitológicas para estudantes com deficiência visual, antes mesmo de receber um deles. É um projeto pioneiro nessa área do saber. Geralmente, as instituições de ensino básico e superior precisam receber estudantes cegos e com baixa visão para só depois se adaptarem a eles", afirmou Felipe Neves, pessoa cega e estudante de curso de Letras.

Hevelyn Oliveira é mestranda em Educação no Centro de Educação, mas, na época de desenvolvimento do projeto, era estudante do curso de Educação Física. Ela era bolsista do Núcleo de Acessibilidade (NAC) da Ufal e Felipe, assistido pelo mesmo Núcleo. Foi quando o professor Muller Ribeiro, do curso de Biologia, abriu processo seletivo para bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desen-

volvimento Tecnológico e Inovação (Pibiti) em 2020-2021 com a intenção de desenvolver um projeto que unia tecnologia assistiva e biologia.

"Na época eu era bolsista do NAC e estava começando a atuar com audiodescrição para produção de conteúdo acessível para o *Instagram*. Nesse período, fiz algumas pesquisas e cheguei até a conversar com profissionais de outras universidades para entender melhor o que seria a audiodescrição", explicou Hevelyn.

Esta é a primeira vez que um projeto apresentado por um estudante cego é premiado. Não à toa, Felipe destaca a importância da acessibilidade para o bom andamento do projeto, que visa ser acessível às pessoas cegas e de baixa visão.

"Nós elaboramos um protocolo de audiodescrição para tornar acessíveis as lâminas digitalizadas da disciplina de Parasitologia. Até chegar a mim, enquanto audiodescritor consultor, esse protocolo passa por algumas etapas, como a caracterização das imagens das lâminas e o processo de audiodescrição das imagens. Após isso, compete a mim realizar a revisão e a validação do texto audiodescrito. Por fim, o material é finalizado e entregue aos usuários", contou o estudante.

O objetivo do projeto é desenvolver uma plataforma virtual composta por um banco de dados de imagens de lâminas parasitológicas de alta resolução, de descrições textuais e audiodescrição das imagens a fim de proporcionar o acesso à informação, eliminar as barreiras impeditivas para estudantes no âmbito da Parasitologia, além de ser suporte às aulas

convencionais de Microscopia.

Com isso, é possível o estudo em Morfologia Parasitária sem a obrigatoriedade do uso de um microscópio, garantindo o acesso ao uso do programa por pessoas com deficiência visual, pois é realizada audiodescrição das imagens por meio de leitores de tela, os quais são feitos em um *software* sintetizador de voz que transforma informações textuais em informações sonoras.

Após esse trabalho, o material era avaliado pelo coordenador do projeto, professor Muller Ribeiro, que analisava a descrição técnica e a audiodescrição da imagem, verificando se havia coerência da parte técnica com a audiodescrição da imagem, validando ou não. Em caso de não aprovação, o material era de-

volvido e as observações realizadas pelo docente eram retificadas e encaminhadas novamente para uma nova análise.

Para o professor Muller, o Labparatodos surge do incômodo da ausência de estudantes com deficiência visual nos cursos da área de Saúde e do autoquestionamento docente sobre como lidar caso tivéssemos alunos com essa característica. "Os estudos microscópicos das formas parasitárias são importantes para o reconhecimento morfológico e o diagnóstico das infecções por esses agentes. Assim, incorporar tecnologias assistivas ao ensino de Parasitologia ou a outras áreas das ciências foi um caminho que abrimos e seguimos na pavimentação", explicou.

Felipe Neves, estudante do curso de Letras e pessoa cega, com o professor Muller Ribeiro, que coordena o projeto de pesquisa



Aplicativo

O projeto Labparatodos busca criar um programa virtual, um aplicativo, que contenha audiodescrição de lâminas parasitológicas. Para isso, no primeiro ano do projeto, o grupo desenvolveu um documento batizado de Protocolo Operação Padrão (POP). "Ele tem o objetivo de apresentar direcionamentos para a construção da audiodescrição de imagem de parasitos, e também possibilitar a construção do aplicativo, ou seja, esse material vai guiar em pequenos passos a construção de um aplicativo acessível, que busca trazer contribuições da audiodescrição para o ensino de biologia, por meio da replicação da técnica de audiodescrição científica e torna o material acessível e disponível a pessoas com deficiência visual", explicou Hevelyn.

O professor Muller conta mais sobre o aplicativo, que é baseado no conceito de design universal. "É um artefato digital que qualquer indivíduo pode ter acesso, independente das suas características individuais. Logo, permite que qualquer aluno acesse a informação ali apresentada, os que podem enxergar verão a imagem, os alunos cegos ou com baixa visão, podem acessar a imagem pelo texto, e a partir dele acessar a imagem no campo do imagético", disse.

Ele considera que é importante que a equipe da audiodescrição seja formada por alguém que possa descrever tecnicamente a imagem, alguém que aplique a essa descrição inicial as técnicas de audi-

odescrição de imagem estática e, por fim, alguém que faça a consultoria dos dados gerados, sendo esta, obrigatoriamente, uma pessoa com deficiência visual.

"A participação de cada elo nesse fluxo é fundamental, e destaco aqui a atuação dos discentes Marianne de Aguiar Vítório Praxedes, do curso de Medicina; Hevelyn Oliveira da Silva, da Educação Física; e Felipe das Neves Vieira, de Letras/Português. Ser premiados com excelência acadêmica por dois anos consecutivos no Cait [Congresso Acadêmico de Iniciação Científica e Tecnológica], aumenta nossa responsabilidade e compromisso com o projeto. Principalmente, quando essa premiação se torna instrumento de inclusão, sendo Felipe, possivelmente, o primeiro aluno cego premiado com tal honraria acadêmica na Ufal", destacou o professor.

Reconhecimento

O projeto foi apresentado nas edições do 31º Congresso Acadêmico de Iniciação Científica (Pibic) e 14º Congresso Acadêmico de Iniciação Tecnológica (Pibiti), realizados em 2021, de forma virtual; e também no 32º Congresso do Pibic e no 15º Congresso Acadêmico do Pibiti, referente ao ciclo 2021/2022, realizados em novembro do ano passado.

"Estamos muito orgulhosos com o florescimento do Labparatodos e muito felizes com esses primeiros frutos, os quais nos fazem nos engajarmos

mais e mais. Para a próxima fase, a nossa expectativa é aplicar o mesmo protocolo de audiodescrição noutras áreas do saber, como a Botânica, Histologia e Patologia; e, além disso, criar um aplicativo para que todos, da universidade ou não, possam acessar os materiais de maneira democrática e equitativa", revelou Felipe.

Para o estudante, o prêmio é muito significativo, primeiro por ser um reconhecimento do trabalho, mas também por contribuir para a desconstrução do capacitismo. "Essa ideia preconceituosa de que uma pessoa com deficiência é incapaz, urgentemente, precisa ser extinta. O prêmio de Excelência Acadêmica também é uma comprovação de que a cegueira é só um detalhe", afirmou.

Já o professor Muller avalia o aprendizado que também teve durante os trabalhos. "Felipe muito nos ensinou nesse processo, não apenas na qualidade de discente audiodescritor-consultor do projeto, mas, sobretudo, sobre normalizar a convivência com PcD", disse.

"Pessoalmente, percebo uma mudança na minha percepção do indivíduo cego. Antes estava imerso nos preconceitos que construímos. Hoje me percebo realizando audiodescrição das características físicas de pessoas e espaços, criando materiais didáticos acessíveis e, principalmente, tratando do indivíduo que tenha deficiência como uma pessoa com deficiência e não como um deficiente, uma vez que essa compreensão mostra-se mais humanizada ao ressaltar a pessoa à frente de sua deficiência, valorizando-a independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou intelectuais. Essa mudança de percepção foi fundamental e agradeço muito a Felipe", completou o professor.

Novos projetos

Agora no mestrado, Hevelyn pretende dar continuidade ao trabalho com audiodescrição (AD). "Na minha pesquisa busco validar a ideia de que o projeto seja usado por professores e profissionais que atuem com estudantes com deficiência visual ou que tenham interesse em aprender mais sobre audiodescrição parasitológica. Penso que se os professores



Estudante Hevelyn Oliveira integra a equipe do projeto

estiverem preparados para receber esses estudantes, conseguiremos eliminar algumas das barreiras que impedem a entrada e a permanência desses estudantes", afirmou a mestrandia.

O grupo de pesquisa já está desenvolvendo também uma espécie de plataforma virtual, onde será elaborado o código web. "Em breve sairemos de um protótipo para a primeira versão, e a expectativa é que seja entregue ao fim desse ciclo. Agradeço a toda equipe Labparatodos e ao professor Muller pela oportunidade e pelo incentivo. Acredito que todo sucesso do projeto se deve a sua orientação e a sua dedicação. Graças a isso podemos ver uma ideia se tornar realidade e transformar vidas", comemorou.

A fala de Hevelyn é reiterada pelo estudante Felipe Neves, ao agradecer o apoio e a parceria de seu orientador e dos demais colaboradores da ação: "Minha imensa gratidão ao professor Muller por cogitar esse projeto, por empenhar-se nele e pela pessoa solícita que é. Também estendo minha gratidão aos amigos e colegas que deram e dão vida ao Labparatodos. Desejo que esse projeto seja uma inspiração para os outros e demais instituições, assim teremos uma educação efetivamente inclusiva", completou.

Hevelyn Oliveira, professor Muller Ribeiro e Felipe Neves pretendem criar aplicativo com audiodescrição das lâminas parasitológicas



Ações de extensão promovem troca de saberes entre a universidade e a sociedade

Somente no ano de 2022, Ufal realizou mais de 325 atividades de extensão; iniciativas aconteceram em Maceió e no interior do estado

Eduardo Almeida

Levar conhecimento para além dos muros da universidade e promover a troca de saberes entre a academia e a sociedade. Esse é o principal objetivo das ações de extensão, que ganharam destaque na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) nos últimos anos. Somente em 2022, foram mais de 325 iniciativas nessa área, beneficiando a população da capital e do interior do estado.

A extensão vem crescendo na Universidade, mesmo com redução de orçamento e com a pandemia, que acabou prejudicando essas ações. Entre as 325 iniciativas desenvolvidas em 2022, estão cursos, eventos, produtos, projetos e programas, que são desenvolvidos em todas as unidades acadêmicas, *campi* fora de sede e suas unidades de ensino, além de acontecerem no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA).

A extensão na Ufal conta com inúmeros casos

de sucesso, como o Programa de Apoio aos Estudantes de Escolas Públicas do Estado, conhecido como Paespe, que completou 30 anos de existência em 2022. Essa iniciativa busca capacitar jovens de escolas públicas de Alagoas e prepará-los para que eles possam enfrentar processos seletivos, como vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Também com caráter social, o Programa de Extensão Conexões de Saberes é um curso pré-vestibular destinado exclusivamente para jovens em situação de vulnerabilidade social. O programa já auxiliou centenas de pessoas a ingressar nos cursos de graduação da Ufal. Na Chamada Regular do Sisu 2023, foram convocados nove alunos e alunas da turma do Conexões de Saberes. Muitos dos beneficiados voltam para o projeto, desta vez para auxiliar na condição de instrutor que vai contribuir com a inclusão de outros jovens no ensino superior.

As ações de extensão não se limitam aos moradores da capital. No Campus do Sertão, por exemplo, o Coral Universitário tem propiciado experiências artísticas não só para a comunidade acadêmica, mas também para a população da região, atuando como

um importante ator cultural. A atividade é vinculada ao Núcleo de Expressão Artística.

No Campus Arapiraca, o destaque, em 2022, foi para a Semana de Envolvimento, organizada pela Coordenação de Extensão do *campus* com o propósito de fortalecer a relação sociedade-universidade. A ação contou com uma programação variada e buscou mostrar para a população do Agreste muitas das atividades que são desenvolvidas dentro da Ufal naquela região.

A extensão na Ufal também promove grandes eventos, que mobilizam não só a comunidade acadêmica, mas também marcam o calendário científico-cultural do estado: Bienal Internacional do Livro, Festival Internacional de Música de Penedo, Circuito Penedo de Cinema e a Expedição Científica do Rio São Francisco.

O principal desafio para colocar essas iniciativas em prática, de acordo com Cezar Nonato, pró-reitor de Extensão da Ufal, ainda é o aspecto financeiro. "Tendo em vista que é da natureza da extensão o encontro dialógico entre universidade e a sociedade,

Equipe que compõe a Pró-reitoria de Extensão se empenha para atender às demandas tanto dos cursos em Maceió quanto do interior



ela demanda investimento nas condições para propiciar as despesas que estão envolvidas com o deslocamento de estudantes, docentes e técnicos para o desenvolvimento das atividades junto aos diferentes setores”, explicou.

Novas perspectivas

Para 2023, uma das metas estipuladas pela Pró-reitoria de Extensão é concluir o processo de curricularização da extensão, ou seja, integrar as ações efetivamente aos cursos. “Encerramos o primeiro semestre letivo de 2022 com o seguinte cenário: no universo dos 104 cursos de graduação que a Ufal possui, 73 cursos já iniciaram a execução da Curricularização da Extensão por meio da implementação das Atividades Curriculares de Extensão”, observou Nonato.

O gestor complementa: “Por outro lado, vinte e seis cursos ainda se encontram em processo de construção das suas matrizes curriculares e nove já finalizaram a formulação das suas propostas, encontrando-se, assim, no estágio de tramitação das novas matrizes para que possam ser apreciadas no Conselho Superior Universitário da Ufal, o nosso Consuni”.

Cezar Nonato, pró-reitor de Extensão, tem entre seus desafios concluir o processo de curricularização da extensão nos cursos de graduação

Na área cultural, a Pró-reitoria de Extensão (Proex) prevê a conclusão da política cultural da Universidade e o mapeamento das atividades culturais desenvolvidas na instituição. “Essas duas iniciativas são fundamentais para qualificar ainda mais o caráter educativo e cultural da Ufal, não só no sentido da formação da comunidade, mas também nos percebemos enquanto agentes culturais do estado de Alagoas”, reafirmou Nonato.

“Todas essas prospecções para o ano de 2023 estão intimamente ligadas à necessidade de ampliar o aspecto da função social da nossa universidade, sobretudo quando observamos que estamos num estado que ainda amarga índices como o de ter 17% da sua população em situação de analfabetismo e 36,7% das suas famílias em situação de fome, só pra dar um exemplo. Nesse contexto, as atividades de extensão universitária podem servir de terreno fértil para a construção de caminhos para a superação dessas condições, gerando possibilidades para o poder público em suas diferentes esferas e para as diversas organizações da sociedade civil”, concluiu o pró-reitor Cezar Nonato.



Siga a Ufal nas redes sociais

@UFALOFICIAL



Acompanhe eventos, editais, notícias, pesquisas e muito mais!

GESTÃO INSTITUCIONAL

Nova metodologia de contratações aumenta em 500% número de itens licitados na Ufal

Total de produtos adquiridos por licitação saltou de 305, no ano de 2019, para 1.835, em 2022

José Edson Lima e o pró-reitor Jarman Aderico seguem firmes no propósito de promover avanços na área de gestão

Eduardo Almeida

Se a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) é destaque nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, ela também avança na área de gestão institucional. Uma nova metodologia de contratação implantada ao longo dos últimos três anos possibilitou um crescimento de mais de 500% no número de produtos licitados, o que garante mais transparência e mais eficiência para os gastos públicos.

Para se ter uma ideia de como a modernização dos procedimentos licitatórios tem contribuído para

a melhoria dos serviços prestados pela Universidade, no ano de 2019, foram adquiridos por meio de licitação 305 itens. No ano de 2022, esse número saltou para 1.835 produtos, excluídos neste caso os procedimentos desertos e fracassados. Um crescimento significativo.

"A metodologia de contratações consiste em estratégias de trabalho colaborativo e compartilhado, baseada na descentralização, mobilização e capacitação contínua de três grupos: os requisitantes, as Comissões Permanentes de Materiais e Equipamentos e os setores de Compras e Licitações", explicou o

pró-reitor de Gestão Institucional, Jarman Aderico.

A nova metodologia de compras acontece da seguinte forma: cada unidade acadêmica e administrativa da Ufal passou a contar com "requisitantes de contratações", os quais são responsáveis por informar as necessidades das unidades no Plano de Contratações Anual. Essas demandas, por sua vez, são segmentadas em grupos de materiais que correspondem às Comissões Permanentes de Materiais e Equipamentos, que são 14 grupos de trabalho, criados em 2020 e responsáveis pela especificação, padronização e cotação dos itens priorizados pelas unidades.

Após o trabalho dessas comissões, as unidades requisitantes formalizam e justificam as contratações para que, em seguida, os setores de compras e licitações prossigam com as fases interna e externa dos processos licitatórios.

"Além disso, para dar mais celeridade aos procedimentos de pesquisa de preços, foram adquiridas licenças de uso do *software* Banco de Preços, utilizado pelos órgãos de referência da Administração Pública, a exemplo do TCU [Tribunal de Contas da União] e do MPF [Ministério Público Federal]. Na mesma perspectiva de promover a celeridade, também

foi implantada, desde abril de 2021, a utilização de processo eletrônico nas licitações, o qual permite, inclusive, a total transparência com a divulgação da íntegra dos autos de todos os processos licitatórios", acrescentou Jarman Aderico.

E complementa: "Foi também constituída a Rede de Compras e Licitações com a criação dos setores de compras do Campus do Sertão e do Ceca [Campus de Engenharias e de Ciências Agrárias], que se juntaram aos já existentes na Proginst [Pró-Reitoria de Gestão Institucional], Sinfra [Superintendência de Infraestrutura] e Biblioteca Central, o que permitiu duplicar o total de servidores nas fases interna e externa das contratações".

Outro importante avanço na área de gestão institucional da Ufal foi a criação do Observatório de Contratos, que tem como objetivo promover a melhoria dos serviços e a otimização dos contratos da Universidade, principalmente os de maior vulto financeiro e de maior alcance. As atividades do Observatório estão organizadas em três ciclos.

O primeiro é o "Ciclo de Conhecimento", momento em que a equipe do Observatório se dedica ao estudo

dos documentos do contrato. O segundo é "Ciclo de Melhorias", quando o Observatório elabora um relatório de indicações de melhorias imediatas e para a futura contratação do mesmo objeto. Por fim, o "Ciclo de Consolidação", em que o relatório de melhorias é apresentado, e a equipe do Observatório passa a monitorar a execução dos apontamentos, de acordo com as indicações de implantação previstas no ciclo anterior.

Até a produção desta reportagem, o Observatório de Contratos havia efetivado a análise de seis contratos, sendo três de limpeza e conservação e três de manutenção predial residente. Estima-se que a economia com a análise dessas contratações chega a R\$ 3 milhões.

Fórum de gestores

A gestão da Ufal tem investido, nos últimos dois anos, na equipe de compras, o que até já rendeu, em 2022, o Prêmio 19 de Março, que reconhece a instituição, em âmbito nacional, como a que mais investiu em capacitação de equipes de compras e contratações públicas. Sem contar que a atuação coletiva dos setores e equipes envolvidos fez a Ufal quin-

tuplicar os itens licitados por pregão eletrônico. Tudo isso foi fundamental para criação do Fórum de Gestores e Fiscais de Contratos, lançado em junho do ano passado, e a implantação do Sistema Contratos Gov.

Esse Fórum é um órgão criado na Ufal para incentivar a capacitação e promover a valorização dos servidores. "Na verdade, estamos chamando de fórum um conjunto de ações para capacitar, valorizar e promover a interação entre gestores e fiscais de contratos. Vamos fazer treinamentos constantes para capacitá-los, premiar as melhores práticas", explicou José Edson Lima, coordenador de Administração de Suprimentos e Serviços da Proginst da Ufal.

Busca por alternativas

Mas, apesar dos avanços registrados, administrar uma instituição com a complexidade da Ufal não é tarefa fácil. Os sucessivos cortes orçamentários impostos pelo governo federal obrigaram os gestores a encontrar alternativas para manter a instituição funcionando.

"Não foi uma tarefa fácil suportar uma previsão

de despesas maior que a capacidade orçamentária e financeira. Apenas a custo de muitas demandas não atendidas foi possível passar por esses últimos anos. Apesar da consciência livre de culpa, ficamos consternados de não ter como resolver diversos problemas da comunidade universitária. A todo momento ficamos nos cobrando a encontrar soluções alternativas que respeitem as diretrizes da conveniência e oportunidade", ponderou Aderico.

No entanto, de acordo com o gestor, o ano de 2023 deve ser marcado por um cenário mais favorável. "Com os aprendizados acumulados e as novas estruturas colaborativas criadas, se avizinha um ganho significativo com a participação positiva dos atores institucionais e da Ufal do ponto de vista da gestão pública. O aprimoramento dos desenhos de contratos, o conhecimento difundido em orçamento público e a perspectiva de elaboração de planos nos diversos níveis de gestão estarão no circuito dos próximos anos", concluiu Jarman Aderico.

José Edson, em mais uma ação da Proginst, reuniu coordenadores e diretores administrativos para tratar de gestão patrimonial.



Renner Boldrino

CUIDADO COM A UFAL

Sinfra investe R\$ 1,6 mi para atender a mais de 6 mil pedidos de manutenção em 2022

Nem mesmo os sucessivos cortes de recursos por parte do governo federal inviabilizaram as ações de melhorias

Prédio onde funcionará a Farmácia Universitária já está em fase de conclusão das obras de reforma

Eduardo Almeida

Responsável pelas atividades ligadas à infraestrutura, à segurança e à logística da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a Superintendência de Infraestrutura (Sinfra) tem avançado a passos largos nos últimos anos. Só em 2022, por exemplo, foi investido aproximadamente R\$ 1,6 milhão para a aquisição de produtos que possibilitaram o atendimento de mais de 6 mil solicitações de manutenção na instituição.

O montante foi aplicado na compra de itens como manta asfáltica, lâmpadas de LED, torneiras, pias, registros, tinta e fiação, viabilizando a realização das atividades do ensino, da pesquisa e da extensão pela comunidade acadêmica. Nem mesmo os sucessivos cortes de recursos por parte do governo federal inviabilizaram as ações de melhorias.

"A escassez orçamentária e a pandemia foram, sem dúvida, os maiores desafios recentes que enfrentamos. Sem orçamento, não foi possível executar tudo o que gostaríamos, mas, mesmo assim, nós recebemos apoio incondicional da gestão central para tentar alcançar todas as unidades que formam a Ufal", explicou o engenheiro civil Felipe da Rocha Paes,

que atua como superintendente de Infraestrutura da Universidade.

Outro avanço importante registrado pela Sinfra nos últimos anos foi o aprimoramento dos processos licitatórios, diante da reabertura do setor de compras da Sinfra em 2021. Além de garantir mais eficiência na prestação de serviços, a medida também atendeu às exigências de órgãos externos para que as novas edificações na Universidade tenham alvará de funcionamento, licença ambiental e auto de vistoria do Corpo de Bombeiros.

"A Sinfra tem trabalhado constantemente para melhorar a prestação dos serviços que estão sob a sua responsabilidade. Uma das formas de alcançar esse objetivo é aumentando o seu leque de atuação. Nos últimos anos, firmamos alguns contratos importantes com empresas especializadas em prestação de serviços de jardinagem, controle de pragas urbanas e manutenção e restauro de prédios históricos", acrescentou Felipe Paes.

No entanto, de acordo com o engenheiro civil, a tarefa de garantir melhorias na infraestrutura e na logística da Universidade não tem sido fácil, sobretudo pelo fato de que a Superintendência não atua

apenas no Campus A.C. Simões, em Maceió, mas também desempenha serviços nos campi Arapiraca, do Sertão, em Delmiro Gouveia, e de Engenharia e Ciências Agrárias (Ceca), em Rio Largo – o que inclui as sedes e suas unidades.

"O maior desafio é prover os serviços necessários para manter a diversidade de atividades realizadas no âmbito da Ufal em pleno funcionamento. Isso, somado ao tamanho da Universidade, torna o desafio ainda maior, tendo em vista a grande quantidade de recursos financeiros e humanos que devem ser empregados para manter toda essa estrutura funcionando", ponderou o superintendente Felipe Paes.

Para 2023, o gestor se mostra otimista. Segundo Paes, a equipe da Superintendência tem se debruçado sobre projetos que devem alavancar ainda mais a área de infraestrutura e logística. Algumas das medidas, conforme ele explica, estão em fase avançada e devem ser implementadas em breve na instituição.

"Entre as novidades que estão em fase de planejamento podemos citar os processos administrativos para contratação de empresas especializadas na manutenção de aparelhos de ar-condicionado e manutenção de plataformas elevatórias e elevadores. A perspectiva é que esses serviços estejam disponíveis este ano", destacou Felipe Paes.

E acrescenta: "Outras duas novidades, estas em fase de execução, são a perfuração de um poço ar-

tesiano que vai tornar a Ufal autossuficiente no fornecimento de água para o Campus A.C. Simões e a parceria firmada com a Casal e Sanama, que viabilizou a recuperação de parte do Sistema de Tratamento de Esgoto do Campus A.C. Simões, o que vai possibilitar a abertura da mesa de negociações entre Ufal, o IMA [Instituto do Meio Ambiente] e a SEMARH [Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos], para que a Universidade trate seu próprio efluente".

Quando concluídas, as medidas poderão gerar uma economia aos cofres públicos da ordem de R\$ 6 milhões por ano. "Aqui vale citar o apoio do magnífico reitor, Josealdo Tonholo, dos professores Vladimir Caramori e Nélia Callado, ambos do Ctec [Centro de Tecnologia], e do então presidente da Casal, Clécio Falcão, sem os quais não seria possível a formalização do acordo", concluiu Paes.

Você sabia?

Entre os serviços realizados pela Sinfra estão manutenção predial, rede elétrica, rede de esgoto e vias; controle de pragas urbanas (cupins, escorpiões, ratos); capina e poda da vegetação; coleta de resíduos laboratoriais; elaboração de projetos de engenharia, arquitetura, rede lógica e segurança; execução de obras públicas; combate a incêndio e pânico; transporte; segurança patrimonial; e limpeza.

Walter Santos, coordenador de Manutenção, superintendente Felipe Paes e Emerson Camelo, coordenador de projetos da Sinfra





INVESTIMENTO

Apesar da pandemia e da escassez de recursos, Ufal **capacita mais de 3,5 mil** servidores nos últimos três anos

Foram cerca de 200 cursos nesse período; instituição também realizou o maior concurso docente da sua história

Simoneide Araújo

Gestores da Ufal participaram do curso Gestão de Risco e Controles Internos, ministrado pelo professor Paulo Lima

Eduardo Almeida

Apesar das restrições impostas pela pandemia de covid-19 e pela escassez de recursos públicos, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) registrou avanços na área de gestão de pessoas nos últimos três anos. Durante esse período, a instituição capacitou mais de 3,5 mil servidores, disponibilizando cerca de 200 cursos, e realizou o maior concurso docente da história da universidade, com 70 vagas.

Entre os anos de 2020 e 2022, foram lançados nove editais e nomeados 87 técnicos-administrativos, sendo 53 da classe D e 34 da classe E; 113 professores do magistério superior; e três professores do ensino

básico, técnico e profissionalizante. Além desses editais, foram lançados processos seletivos para contratação de professores substitutos para suprir afastamentos.

“O balanço das ações da pró-reitoria é altamente positivo, pois conseguimos realizar uma série de atividades de nossa competência, mesmo dentro de um período de contingenciamento imposto pela pandemia”, explicou o pró-reitor de Gestão de Pessoas e do Trabalho da Ufal, Wellington Perereira, ao comentar o desempenho positivo da área que lidera na Universidade.

Conforme o pró-reitor, o grande desafio dos úl-

timos anos foi lidar com a maior crise de saúde registrada nos últimos 100 anos: a pandemia de covid-19. Wellington Pereira destaca que o distanciamento social impôs uma nova dinâmica de trabalho, visto que boa parte dos servidores passou a atuar de forma remota ou ficou afastada devido à contaminação pela covid-19.

“Não obstante à pandemia, conseguimos executar todas as nossas atividades cotidianas, não gerando quaisquer prejuízos aos nossos servidores. Falo em relação às progressões e às avaliações de desempenhos dos técnicos-administrativos e de estágios probatórios docentes, mas também em relação às capacitações”, ponderou Pereira.

Um levantamento da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas e do Trabalho (Progep) mostra que a Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal gerenciou, entre os anos de 2020 e 2022, mais de 6,9 mil processos avaliativos de servidores dos mais diversos níveis e carreiras da instituição.

Diante da falta de recursos para capacitações, a Universidade passou a inovar. Foram realizados eventos virtuais, promovidos não só por membros da própria Ufal como por instituições parceiras. “Os cortes orçamentários na área de recursos humanos atingiram diretamente a área de capacitação. Porém, ofertamos diversos cursos por meio de eventos internos, externos e capacitações *In Company*”, frisou

o pró-reitor Wellington Pereira.

O pró-reitor acrescenta: "A Gerência de Capacitação elaborou um Plano de Desenvolvimento de Pessoas com foco descentralizado no levantamento das necessidades de capacitações dos servidores da Ufal, permitindo que os próprios servidores, em conjunto com as chefias, pudessem ter as suas necessidades discutidas diretamente nas bases hierárquicas das unidades, de forma a refletir o mais próximo possível as reais necessidades de desenvolvimento dos servidores".

Carências

No entanto, embora reconheça os avanços obtidos nos últimos anos, o pró-reitor destaca que o cenário vivido pela Universidade está longe do ideal. Conforme Wellington Pereira, a Ufal conta com um deficit de servidores técnico-administrativos e de docentes. Atualmente, a instituição dispõe de 1.702 técnicos-administrativos e 1.778 docentes para atender toda a instituição.

"Levando em consideração que a proporcionalidade ideal seria de dois técnicos para cada docente, fica demonstrado o deficit existente em nosso

quadro. É importante ressaltar que, desse quantitativo de servidores técnico-administrativos, mais de 400 ocupam cargos extintos ou impedidos de provimentos, a exemplo dos cargos de motorista, porteiro e auxiliar administrativo", acrescentou Pereira.

De acordo com o pró-reitor, a Universidade realizou uma consulta junto às unidades acadêmicas e *campi* fora de sede e informou ao Ministério da Educação e à Comissão de Transição do governo federal as necessidades de ampliação de quadro para os próximos anos. Porém, Wellington Pereira reconhece que a situação não é de fácil solução.

"Quando assumimos a pró-reitoria, encontramos as vagas distribuídas de acordo com a legislação em vigor na época e com as pactuações para projetos de expansão da instituição devidamente definidas. Mas, desde 2017, a Ufal não recebe vagas novas para o cargo de técnico-administrativo. Com relação aos docentes, chegamos a receber alguns códigos de vagas pactuadas, que foram destinados ao curso de Medicina do Campus Arapiraca, à Unidade Educacional de Penedo, ao Campus de Engenharias e Ciências Agrárias, em Rio Largo, e à Medicina do Campus A.C. Simões", observou Wellington Pereira, pró-reitor de Gestão de Pessoas.

Pró-reitor Wellington Pereira e sua equipe buscam junto ao MEC a ampliação do quadro de servidores para os próximos anos



Renner Boldrino

Já está OUVINDO a Rádio Ufal?

Ascom/Ufal

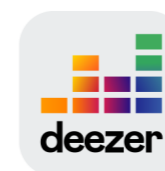
- ▶ MÚSICAS ▶ NOTÍCIAS
- ▶ INFORMES ▶ ENTREVISTAS
- ▶ FLASHES AO VIVO



RÁDIOUFAL

radio.ufal.br

Escute também
no seu aplicativo
preferido



ASCOM
Assessoria de Comunicação



“Paespe me trouxe motivação para ter resiliência e realizar meus sonhos”

Geiza Gomes, ex-aluna Pespe e professora voluntária da Ufal

Minha trajetória é nada mais do que um convite para que pessoas como eu - vindas da periferia - tenham a coragem de persistir, e, assim, ter resiliência para realizar os seus sonhos.

O ano era 2002, em um dos blocos de aulas de um espaço chamado Ufal, iniciei um trabalho informal na copiadora ou ponto de xerox de um dos meus tios. Ainda não existia a Lei Jovem Aprendiz, mas lá eu iniciava a minha primeira atividade remunerada.

Dentre as minhas funções estavam: tirar cópias, realizar encadernações e vender lanches. O que mais chamava a minha atenção era a elegância

das estudantes e professoras, e eu me imaginava naquelas roupas e principalmente dispondo daquele vocabulário tão diferente da minha rede de relacionamentos.

Infelizmente, alguns meses depois abandonei o posto de trabalho, pois minha mãe temia por minha segurança após uma rebelião no presídio, já que somente um muro separava o bloco em que eu trabalhava do sistema prisional.

Eis que chega o ano de 2004. Em um dia como qualquer outro, durante as aulas da 2ª série do ensino médio na Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça, a diretora nos convoca para a sala de vídeos. Na sala, um senhor de cabelos brancos, com um olhar forte e semblante esperançoso, de imediato prendeu a minha atenção e me fez ignorar os burburinhos e algazarras dos colegas de escola. A proposta de estar em um espaço com “as mentes mais brilhantes de Alagoas”, como ele mesmo disse, me fez, de imediato, aceitar realizar o exame de matemática que ele havia levado. Maior parte dos meus colegas recusaram-se, afinal, todos fugiam de matemática, inclusive eu, mas fui cativada pelo inusitado. Dias após, aquele professor volta com as notas catastróficas; a minha havia sido inferior a 3,0. De imediato pensei ter perdido a oportunidade, até que ele anunciou que todos os interessados estavam aptos a iniciar as atividades do Paespe. Em novembro daquele ano, descobro que o Paespe ficava na Ufal. Descobri finalmente o significado daquela sigla e ainda descobri que eu estudaria no Ctec, bloco vizinho ao meu primeiro emprego e contato com a Universidade, o bloco de Arquitetura.

Conseguem imaginar que eu trabalhava na Ufal e não sabia o que aquele espaço representava para a nossa sociedade? Caro leitor, você já imaginou que muitas pessoas não sabem o significado da sigla da Universidade do seu Estado? Outro dia, viajei para

assistir às aulas do doutorado em Pernambuco, e minha tia me enviou mensagem perguntando se eu estava na Ufal. Respondi que não, pois eu estava em Recife. Ela insistiu e disse que era isso o que queria saber. Foi aí que percebi que na cabeça dela qualquer universidade levava o nome de Ufal, logo, ela também desconhecia aquela sigla. Outro episódio me chamou a atenção, recentemente em uma das reuniões com pais ou responsáveis dos jovens paespeanos, uma mãe relata ao professor Roberaldo que não sabia que poderia descer do ônibus e circular pelo campus. Fica nitido que, ainda hoje, as universidades não fazem parte do mundo das pessoas em vulnerabilidade socioeconômica. Essa é a beleza do Paespe: levar a Ufal para além dos muros!

Retomando... O ano 2005 foi desafiador, muito conteúdo que não havia sido apresentado na escola, mas também foi um ano de muita inspiração e aprendizado, pois aos 17 anos tive o meu primeiro contato com um computador. Era uma rotina cansativa que se dividia entre a escola, os afazeres domésticos e a Ufal [essa era a melhor parte: dizer que eu era aluna da Ufal]. Por volta das 16h eu saía de casa, andava cerca de 2,5 km para chegar na sala do Paespe. A aula iniciava às 19h, mas o final de tarde trazia mais segurança nessa caminhada. Ao chegar, eu “filava” aquele café com biscoitos na sala do professor Roberaldo [idealizador e coordenador do Programa]. Ao término da aula, por volta das 21h, eu andava mais 2,5 km com a companhia de colegas paespeanos que moravam nos bairros do entorno do campus.

Eis que chega o ano 2006 e, com ele, a notícia da reprovação no Processo Seletivo Seriado (PSS). Infelizmente eu não estava entre os calouros de engenharia civil da Ufal. No mesmo ano, recebo a notícia da aprovação no Ifal para o curso técnico em construção civil. Durante os dois anos de curso eu me revezava entre estudar e ser voluntária no Paespe. Passava a tarde na Ufal organizando as atividades do Programa e de lá seguia para as aulas noturnas no Ifal.

No ano 2008, estava reunida com os familiares na expectativa de ouvir o meu nome na rádio entre os aprovados no curso de engenharia civil. Em meio à tensão, recebo a ligação do professor Vladimir Carramori: “Geiza, estou na Praça Sinimbu, você é Geiza

Thamirys Correia Gomes?” Com a minha confirmação, ele me parabeniza pela aprovação no curso de engenharia civil da Ufal. Este foi um dos momentos mais mágicos e aguardados da minha vida. Jamais esquecerei aquela sensação.

Naquele ano, eu iniciava a maior labuta de todas. Concluir o curso não foi fácil, porque eu me deparei com desafios pela bagagem escolar e, principalmente, pelas dificuldades financeiras para me manter na Universidade sem trabalhar, já que na época não tínhamos tantas oportunidades via assistência estudantil. Os apoios familiar e do professor Roberaldo sempre foram os responsáveis pela conclusão do curso. Além disso, continuar nas atividades do Paespe me trazia motivação. Eu não podia desistir, porque aqueles alunos se inspiravam em mim: “Ela foi do Paespe e hoje é aluna da Ufal”.

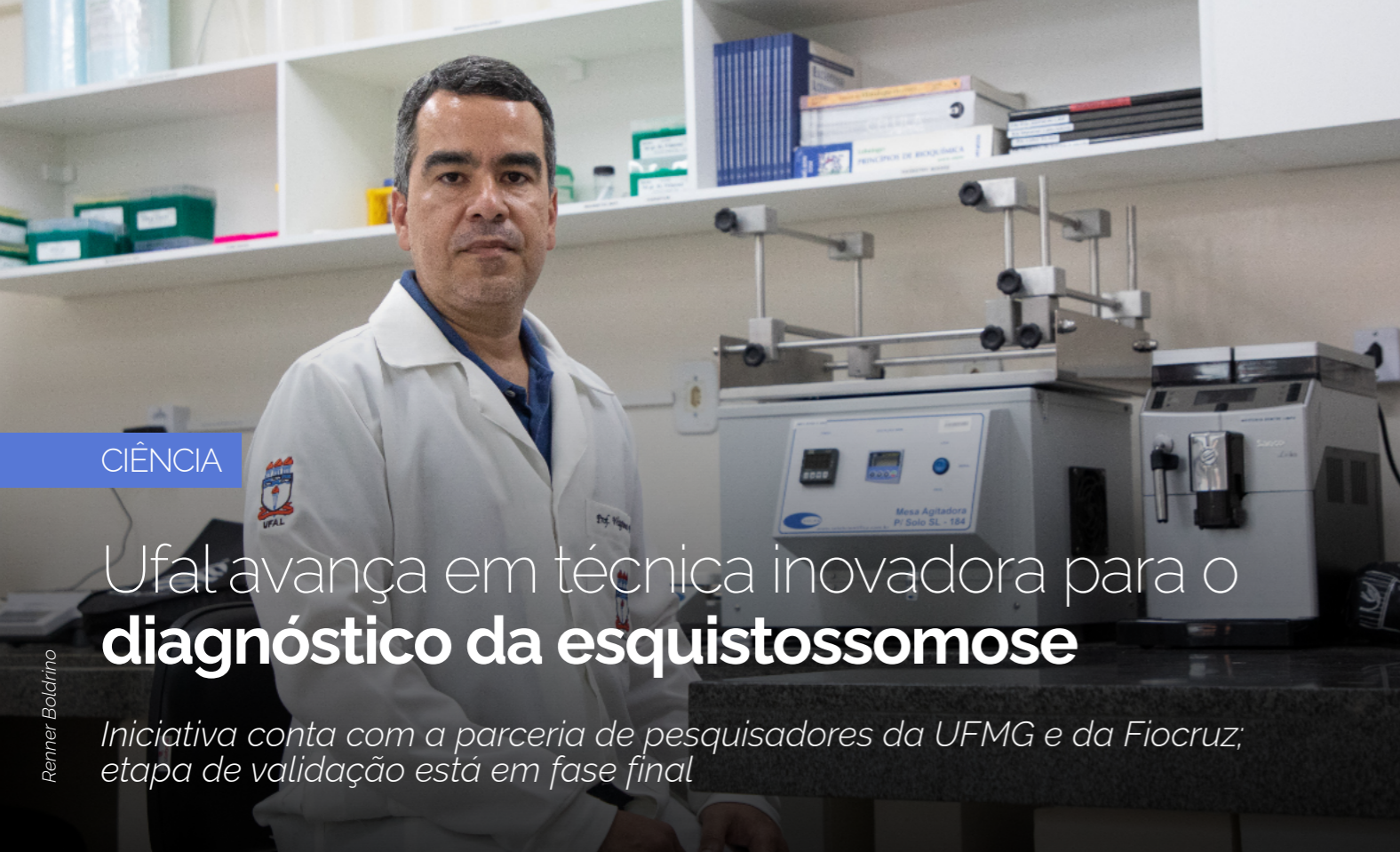
Quase 20 anos se passaram. A minha história com a Ufal iniciou-se no ensino médio, passou pela graduação, mestrado e agora pela trajetória como professora voluntária.

Aprendi muito! Principalmente com os alunos e instrutores. As suas histórias de vida me moldaram para melhor e me lapidam a cada dia. Tanta coisa aconteceu, tantas pessoas me inspiraram e se inspiram em mim.

Hoje, tenho muito orgulho e gratidão por estar tão próxima de um sonho que em 2004 parecia impossível: ser doutora! Mais orgulho ainda, por ter contribuído para que o Paespe seja uma Tecnologia Social e seja reconhecido internacionalmente como um Serviço de Aprendizagem Solidária. Por saber que estamos agregando valor social às pessoas e que, por meio da educação, estamos promovendo mobilidade social.

Tenho a consciência de que é muita responsabilidade vestir a camisa do Paespe. Sou grata à Universidade Federal de Alagoas por todas as oportunidades, ao Paespe por ampliar a minha visão de mundo, aos voluntários do Programa por sua dedicação. Principalmente, sou grata ao professor Roberaldo, pelas aulas de vida que ganhei dele, que é quem mais entende da matéria.





CIÊNCIA

Ufal avança em técnica inovadora para o diagnóstico da esquistossomose

Iniciativa conta com a parceria de pesquisadores da UFMG e da Fiocruz; etapa de validação está em fase final

Professor e pesquisador Wagner Porto é líder de um grupo de pesquisa no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS)

Eduardo Almeida

Após três anos de pesquisas, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) avança no desenvolvimento de uma técnica inovadora para o diagnóstico da esquistossomose no Brasil. O novo método está em fase final de validação, e a expectativa dos pesquisadores envolvidos no projeto é que ele passe a ser distribuído em larga escala no país em aproximadamente um ano.

A técnica consiste na identificação de casos de esquistossomose em pacientes que apresentam uma baixa carga parasitária, como explica o professor e cientista Wagner Porto, que lidera um grupo de pesquisa no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) da Ufal. A iniciativa conta com a participação de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais e da Fiocruz.

"Com o programa de controle da esquistossomose e com o tratamento anual das pessoas infectadas, a gente tem percebido que a carga parasitária vem se tornando cada vez mais baixa e que alguns casos acabam não sendo identificados pelas técnicas usu-

ais. Então, a gente está desenvolvendo técnicas que conseguem identificar quem não elimina grande quantidade de ovos", expôs Wagner Porto.

Embora o novo modelo de diagnóstico ainda aguarde validação final, as pesquisas desenvolvidas no ICBS têm repercutido no meio acadêmico. Além da publicação em revistas científicas e da apresentação de resumos em congressos, as investigações resultaram em relatórios de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado.

Conforme Wagner Porto, a validação do novo método depende, atualmente, apenas da ampliação do número de pessoas alcançadas pela pesquisa. Nos últimos três anos, mais de 600 pessoas foram atendidas pelos pesquisadores, número ainda considerado insuficiente. A expectativa é que a validação do novo modelo aconteça dentro de um curto período de tempo, que pode vir a ser de até um ano.

"Para validar uma nova técnica imunológica, a gente precisa de um painel de pacientes bastante extenso e bem caracterizado. Então, a gente está am-

pliando esse painel para fazer novos testes. Acredito que em um ano aproximadamente a gente estará com os dados bem consolidados, bem analisados. E aí, sim, essa técnica será validada para distribuição de forma mais ampla para a população", acrescentou o cientista.

Wagner Porto lembra que o diagnóstico e o tratamento são apenas parte das ações de combate à esquistossomose. Segundo ele, é importante que os gestores públicos atuem na principal causa de transmissão da doença: o saneamento básico precário. Neste sentido, a Ufal vem desenvolvendo ações em parceria com o poder público, orientando gestores e capacitando quem atua no atendimento a pacientes.

"Nosso laboratório firmou parceria com a Prefeitura de Viçosa, cidade onde iniciei o meu trabalho e minhas pesquisas na Ufal. Também estamos, há cerca de um ano, atuando com a Prefeitura de Maceió. A gente tem intensificado nossas pesquisas em áreas consideradas endêmicas, auxiliando os agentes de saúde, para que eles orientem as pessoas mais carentes dessas áreas", completou Porto.

Integração

As novas técnicas para o diagnóstico da esquistossomose resultam da integração entre ensino, pesquisa e extensão. O laboratório comandado pelo professor Wagner Porto na Ufal conta, atualmente, com oito pesquisadores, distribuídos entre estudantes da graduação de cursos da área de Saúde, de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado, sob a supervisão de professores da Universidade.

"A gente consegue fazer com que o estudante visualize, na prática, o conteúdo que ele lê nos livros. Além disso, o projeto faz a interface com a extensão, porque, apesar de ser trabalho de pesquisa, é feito um trabalho de educação em saúde que se assemelha muito com a extensão. Dessa forma, a gente contempla o tripé da Universidade, que é o ensino, a pesquisa e a extensão", ressaltou o cientista.

Uma das participantes das ações desenvolvidas no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Ufal é a estudante de graduação Rose Avelino, que

passou a fazer parte do grupo de cientistas por meio de um projeto de iniciação científica. Mesmo após a finalização do projeto, ela segue engajada em novas pesquisas, que devem resultar no seu trabalho de conclusão de curso.

"Na graduação, a gente se depara com um conteúdo muito extenso. Ter foco em determinada área ajuda bastante. Agora, por exemplo, estou participando de um projeto científico que engloba vários estados brasileiros para investigar uma demanda negligenciada, que é o *Schistosoma mansoni*. A pesquisa vai agregar muito à minha formação, por tudo o que a gente vem pesquisando e pelos resultados obtidos. Vamos dar uma resposta para a população e também para a saúde pública de um modo geral", observou Rose Avelino.

A pós-doutoranda Flávia Damasceno é uma das participantes da pesquisa. Formada pela Ufal, a pesquisadora fez mestrado, doutorado e pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). "A proposta do meu estágio pós-doutoral é padronizar novas técnicas para diagnóstico da esquistossomose. A adesão a esse projeto contribui muito com a minha formação, porque me possibilita conhecer a realidade do estado de Alagoas. Essa é uma área em que nunca trabalhei e que, sem dúvidas, vai agregar muito à minha formação".

Esquistossomose

A esquistossomose, conhecida como "barriga d'água" ou "doença do caramujo", é uma doença parasitária, que está relacionada ao saneamento precário. A enfermidade é causada pelo *Schistosoma mansoni*. As pessoas contaminadas adquirem a infecção quando entram em contato com água doce onde existam caramujos infectados pelos vermes causadores da esquistossomose.

O Ministério da Saúde estima que, no Brasil, cerca de 1,5 milhão de pessoas vivem em áreas sob o risco de contrair a doença. Os estados das regiões Nordeste e Sudeste são os mais afetados, de acordo com o MS. Qualquer pessoa, de qualquer faixa etária e sexo, pode ser infectada com o parasita da esquistossomose.

EXCELÊNCIA

CENTRO DE INOVAÇÃO TRANSFORMA UFAL EM **POLO DE TECNOLOGIA** E CAPTA R\$ 100 MI EM 7 ANOS

EDGE conta hoje com cerca de 250 pesquisadores, que desenvolvem ou desenvolveram projetos para empresas como Dell, Sony, Lenovo, Intelbras e Petrobras

Com a proposta de entregar resultados e impulsionar pessoas, o Centro de Inovação vinculado à Universidade Federal de Alagoas (Ufal) tem levado o nome do estado para o mundo. Num período de sete anos, o Edge - programa ligado ao Instituto de Computação (IC) - transformou Alagoas em polo regional de tecnologia e conseguiu captar mais de R\$ 100 milhões em investimentos com empresas de diversas áreas.

Se no início, entre os anos de 2015 e 2016, o Centro de Inovação contava com um quantitativo reduzido de colaboradores, atualmente esse número passa de 250. Além de professores e universitários, ex-alunos da Ufal e profissionais liberais desenvolvem ou desenvolveram projetos para empresas como Dell, Sony, Lenovo, Intelbras e Petrobras. Os resultados registrados pelo grupo apontam para um futuro promissor.

"A iniciativa de criar um programa para o desenvolvimento de um polo regional de tecnologia surgiu a partir dos professores Rodrigo de Barros Paes e Willy Carvalho Tiengo, que se uniram a um grupo de outros cinco pesquisadores. Assim nasceu o Edge, que hoje atende a gigantes da tecnologia e desenvolve projetos de altíssimo impacto", explicou Mário Hozano Lucas de Souza, professor e pesquisador da Universidade e integrante do Centro de Inovação Edge.

Para se ter uma ideia do crescimento do Edge, atualmente, o grupo ocupa salas em dois prédios do Campus A.C. Simões e espaços no Polo de Inovação, no bairro de Jaraguá, em Maceió. Os integrantes do programa discutem uma nova forma de organização, visto que esses locais não são suficientes para abrigar todos os profissionais envolvidos nas atividades.

"O desenvolvimento da computação é uma tendência. Há uma grande demanda por profissionais dessa área. E esse trabalho pode acontecer de forma remota. Não é preciso um local específico para desenvolver um *software*, por exemplo. Basta ter um computador. Então, estamos repensando nosso modelo de trabalho. A falta de espaço não será um problema", acrescentou o professor e pesquisador do

Instituto de Computação da Ufal, Mário Hozano.

Aplicativo Pixsee

O Centro de Inovação Edge atua na área de Computação Industrial, de forma mais específica com aplicações de inteligência artificial, de automação e de dispositivos de computação embarcada. Atualmente, são desenvolvidos de forma simultânea aproximadamente 20 projetos. Nos últimos sete anos, foram mais de cem.

"Um dos nossos projetos mais recentes foi o desenvolvimento do aplicativo Pixsee, que funciona como uma babá eletrônica inteligente, com capacidade para detectar situações de perigo, como sufocamentos, por exemplo. O aplicativo consegue captar ainda a temperatura e a umidade do ambiente, além de produzir fotos do bebê remotamente. Para nós, uma grande conquista", ressaltou o professor Mário Hozano.

Inclusive, essa babá eletrônica inteligente - uma câmera de monitoramento para bebês - que usa tecnologia produzida na Universidade Federal de Alagoas, foi premiada nos Estados Unidos. Foi no evento de tecnologia considerado o mais influente do mundo, o *Consumer Electronics Show* (CES) 2023, realizado no início de janeiro deste ano, em Las Vegas (EUA).

O trabalho desenvolvido no Centro de Inovação Edge, no entanto, vai além do desenvolvimento de *softwares*. A ideia do grupo é entregar soluções viáveis para as empresas parceiras, o que nem sempre acaba chegando ao grande público. Em muitos casos, as soluções de tecnologia ficam restritas às indústrias demandantes.

"Nós atuamos fortemente em soluções para as próprias fábricas, porque a maioria dos parceiros são indústrias. Produzimos protótipos valiosos, que diminuem custos, aumentam faturamento e diminuem a margem de erro. São produtos extremamente variados, que vão desde a produção de cabos ópticos a sistemas para *smartphones*, passando, claro, pelos projetos desenvolvidos com a Petrobras", completou Mário Hozano.



Professor Mario Hozano informa que o Edge, além do Campus A.C. Simões, também está no Polo de Inovação, instalado em Jaraguá

Captação de recursos

Um dado que chama a atenção é o grande volume de recursos captados pelo Centro de Inovação Edge nos últimos anos. Os pesquisadores estimam que, desde 2015, foram investidos cerca de R\$ 100 milhões em ações que garantiram não só o desenvolvimento científico do estado como apresentaram soluções para problemas enfrentados por grandes empresas ao redor de todo o mundo.

"Um levantamento recente, ao qual nós tivemos acesso, mostra que a Universidade Federal de Alagoas está entre as oito universidades que mais captaram recursos dentro da Lei de Informática. Esses dados são muito significativos, porque mostram o impacto do trabalho que temos realizado na Universidade. Os alagoanos estão conduzindo projetos de altíssima inovação, o que não acontecia na minha época de graduação, por exemplo", destacou Mário

Hozano, professor e pesquisador da Ufal.

No entanto, apesar do elevado nível de investimento privado, o desenvolvimento das pesquisas também foi afetado pelos sucessivos cortes de recursos federais ocorridos ao longo dos últimos anos. "É preciso entender que a Universidade vai muito além dos projetos desenvolvidos em parceria com empresas. Há uma cadeia de serviços que precisa funcionar bem para que o trabalho dos pesquisadores produza resultados", complementou.

Para Mário Hozano, o Edge deve assinalar um crescimento ainda maior ao longo dos próximos anos. "Nós registramos um crescimento muito acelerado nos últimos anos, especialmente nos últimos dois anos, mas acreditamos que vamos crescer ainda mais no futuro próximo. Precisamos parar, nos organizar internamente e criar uma estrutura para avançar ainda mais, sobretudo com captações que vão além da Lei de Informática".



DESTAQUE NA CIÊNCIA

Laboratório da Ufal se torna referência no Brasil na área de Química Inorgânica

Grupo de pesquisa tem mais de 200 artigos publicados e registra aproximadamente 4 mil citações por parte de outros pesquisadores

Professor e pesquisador Mário Meneghetti escolheu a Ufal para se dedicar aos estudos e às pesquisas na área de Química Inorgânica

Eduardo Almeida

Quando o assunto é ciência e produção de conhecimento, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) é destaque. Um grupo de pesquisa vinculado ao Instituto de Química e Biotecnologia (IQB) se tornou referência no Brasil na área de Química Inorgânica. Desde a fundação do grupo, em meados da primeira década dos anos 2000, foram publicados mais de 200 artigos na área, que foram citados por aproximadamente quatro mil pesquisadores.

O caminho até ganhar notoriedade não foi nada fácil. Essa jornada começa com a aprovação do gaúcho Mário Roberto Meneghetti em concurso para professor da Ufal. Apesar da possibilidade de permanecer no Sul do país ou de seguir para uma universidade no estado da Bahia, Meneghetti opta por Alagoas e dá início à trajetória que contribuiria para elevar, de forma significativa, o nome do Instituto de Química e Biotecnologia.

"Além de ser um estado que nos proporciona uma boa qualidade de vida, sabia que em Alagoas eu teria muita coisa a fazer na área de Química Inorgânica. Havia muito espaço para crescimento na Universidade, porque aqui não havia muitos profissionais nessa área. Então, foi o desafio de contribuir com o crescimento do que viria a ser o Instituto de Química que me motivou a optar pela Ufal", lembrou Meneghetti.

Ao pesquisador se juntou, inicialmente, a professora Simoni Margareti Plentz Meneghetti, igualmente considerada uma referência quando se trata de Química Inorgânica. Atuando de formas distintas e, ao mesmo tempo, complementares, os dois fundam o Grupo de Catálise e Reatividade Química, que, futuramente passaria a contar também com o trabalho das professoras Janaina Heberle Bortoluzzi e Ruisiense Monteiro de Almeida.

A virada de chave do laboratório, segundo Mário

Meneghetti, veio a partir da conversão da área de pesquisa. Os professores migraram da área de Química Básica para a área de Catálise. "Nosso grupo passou a estudar, por exemplo, a transformação de óxidos metálicos e nanopartículas na produção de insumos químicos que servem de base para outras aplicações", destacou o professor, que completa, em 2023, 20 anos de Ufal.

"Com o tempo, obviamente, fomos nos adaptando às questões locais e também dos próprios financiadores. Em 2003, por exemplo, quando estava se iniciando o primeiro governo de Lula, houve um investimento forte na área de oleoquímica. Então, o grupo começou a direcionar estudos para esta área. No caso, preparar catalisadores para a transformação de óleos pela gordura animal e biodiesel", observou Meneghetti.

O grupo de pesquisa conta, atualmente, com 25 pesquisadores, que envolvem não apenas professores, mas também estudantes de graduação – por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) – e estudantes de mestrado e doutorado que integram programas de pós-graduação da Ufal. Esse número, no entanto, já foi o dobro do atual e diminuiu à medida que aumentaram as dificuldades de fomento.

"Isso é reflexo da diminuição do fomento à pesquisa. As bolsas começaram a ficar muito aquém do que realmente deveriam ser para ajudar os alunos a se dedicarem aos estudos, desde a Iniciação Científica, mas sobretudo para estudantes de mestrado e de doutorado. Também se criou uma atmosfera de desestímulo à ciência ao longo dos últimos anos, o que, sem dúvidas, contribuiu para a redução", complementou Mário Meneghetti.

Para 2023, o professor e pesquisador acredita num cenário de mais investimentos e de retomada do estímulo à produção científica dentro das universidades. O Grupo de Catálise e Reatividade Química recebeu a notícia, no fim do ano de 2022, de que seis projetos foram aprovados por agências de fomento, o que deve contribuir com novas pesquisas.

"Foram três novos projetos aprovados pela Fapeal [Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas]

e três projetos aprovados pelo CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], sob a coordenação da professora Simone Meneghetti. Acredito que, além dessa aprovação, a retomada do financiamento das universidades deve nos ajudar a melhorar, principalmente, a estrutura física dos nossos laboratórios, que se degradou ao longo dos últimos anos", concluiu Mário Meneghetti.

Futuras cientistas

Além do desenvolvimento de pesquisas de relevância na Química Inorgânica, o Grupo de Catálise e Reatividade Química da Ufal se destaca por outras ações. Uma delas é a participação no programa Futuras Cientistas, que também conta com a participação do Grupo de Ensino QuiCiência, do Instituto de Química e Biotecnologia da Ufal.

O programa Futuras Cientistas é desenvolvido pelo Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (Cetene) e busca proporcionar o contato de alunas e professoras da rede pública com as áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática. A ideia, de acordo com a definição do próprio programa, é contribuir com a equidade de gênero no mercado.

A Universidade Federal de Alagoas disponibilizou 15 vagas para participação no programa, que foram distribuídas para ampla concorrência e para pretas, pardas, indígenas e quilombolas, trans e travestis, e candidatas PCD. O Futuras Cientistas teve início no dia 3 de janeiro. As estudantes vão receber bolsa auxílio no valor de R\$ 483.

CONHEÇA UM POUCO MAIS SOBRE A ATUAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA:



BIOTECNOLOGIA

Cientistas descobrem em Alagoas **14 novas espécies** ou gêneros de fungos

Trabalhos desenvolvidos na Ufal demonstram potencial para indústria de combustíveis e remediação de áreas contaminadas

Professora Mellissa Landel coordena grupo de pesquisa que estuda a interação entre a microbiota e a epilepsia

Eduardo Almeida

A ciência pulsa na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Um grupo de pesquisadores vinculados ao Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde (ICBS) tem alcançado resultados expressivos em pesquisas relacionadas à biodiversidade, à taxonomia e à biotecnologia microbiana. Os cientistas descobriram, num período de dez anos, 14 novas espécies ou gêneros de fungos existentes em biomas como a Mata Atlântica e a Caatinga.

Os trabalhos desenvolvidos na Ufal demonstram

potencial para contribuir com o crescimento da indústria de combustíveis. Isso, a partir da produção de enzimas de importância biotecnológica, e com processos de remediação de áreas contaminadas – em especial as contaminadas por hidrocarbonetos, como o petróleo, por exemplo, que, recentemente, afetou diversas praias do litoral brasileiro, exigindo atuação rápida do poder público.

Além disso, os pesquisadores que integram o ICBS passaram a estudar a interação entre microbiota – microrganismos que fazem parte do organismo humano – e macro-organismos, que são organismos

vivos que podem ser vistos a olho nu. “Estamos trabalhando a relação entre a microbiota e a epilepsia, bem como a microbiota e os corais branqueados da APA Costa dos Corais”, explicou a professora e pesquisadora Melissa Landel.

A docente coordena, desde 2013, quando chegou a Alagoas vinda do Rio Grande do Sul, um grupo que, atualmente, conta com dez colaboradores e que envolve desde estudantes de graduação, por meio de programas de Iniciação Científica, até estudantes de doutorado, envolvendo programas de pós-graduação da Ufal.

“O nosso laboratório conta com alunos de graduação e de pós-graduação, além de professores e discentes colaboradores de outros laboratórios e institutos da Ufal, bem como colaborações com outras universidades. Nosso grupo já descreveu várias espécies novas de leveduras, algo bastante significativo e pioneiro, sobretudo por se tratar de biomas típicos da região Nordeste”, acrescentou a professora Melissa.

Para marcar as descobertas, as novas espécies ou gêneros de fungos foram nomeadas em homenagem aos locais em que foram encontradas. “Comumente, nessas descobertas, são homenageados

pesquisadores renomados na área ou há uma referência ao substrato de isolamento dos micro-organismo ou ainda ao local onde houve o achado. Foi assim que foram nomeadas as espécies *Valentia maceioensis* sp. nov., *Vishniacozyma alagoana* sp. nov. e *Carcinomyces nordestinensis* sp. nov”, expôs Landel.

Para 2023, o grupo liderado pela pesquisadora deve seguir desenvolvendo projetos e parcerias na área de biotecnologia, incluindo projetos no âmbito de um novo programa Institutos Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação (INCTs) para estudos com leveduras. “Este projeto foi aprovado no edital de 2022 e tem coordenação da UFMG [Universidade Federal de Minas Gerais], mas que conta também com a participação de vários estudiosos em leveduras não só do Brasil, como também de instituições no exterior, além do nosso grupo aqui da Ufal”, ressaltou a docente.

Além desses projetos, os pesquisadores da Ufal também vão integrar uma rede criada recentemente, chamada de Manguebits, que envolve instituições nacionais e internacionais para o estudo e a restauração inteligente de manguezais utilizando micro-organismos. A iniciativa contará com a participação de alunos de graduação e pós-graduação da Ufal.

“No nosso grupo, a integração é feita por meio da orientação e da participação efetiva dos nossos discentes, tanto alunos Pibic [Programa de Bolsas de Iniciação Científica], quanto alunos de mestrado e doutorado dos PPGs [Programas de Pós-graduação] que faço parte. Além disso, os alunos têm participado de publicações de alto impacto e colaborações com outros pesquisadores e instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior”, complementou Landel.

Para Victor Tavares, estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Ufal, integrar o laboratório coordenado pela professora Melissa Landel e ter a oportunidade de colaborar com pesquisas de alto impacto para a região Nordeste e para o país contribui de forma significativa para a sua formação como professor e como pesquisador.

“Integrar um laboratório modifica muito a sua visão e o que você pensa sobre o que é ciência, prin-

cipalmente para os estudantes de licenciatura, porque permite a integração entre o que a gente vê na teoria e o que é desenvolvido aqui dentro. A gente começa a ler mais, a aprender mais, a interpretar mais e começa a entender processos que antes de fazer parte do laboratório não conseguíamos entender”, relatou Victor Tavares.

O doutorando Ciro Félix sabe bem como a ciência pode transformar vidas. Hoje concluinte da pós-graduação, o doutorando chegou ao laboratório coordenado pela professora Melissa Landel há dez anos. “O envolvimento com a pesquisa começou de modo desprezioso. A professora Melissa havia acabado de chegar a Alagoas, e eu fui indicado para desenvolver pesquisas, algo muito presente na formação em Ciências Biológicas”, afirmou Ciro Félix, que chegou até o laboratório por meio do Pibic.

O caminho entre a graduação e o doutorado não foi fácil, mas, ao olhar para trás, o pesquisador se orgulha de sua trajetória. “O amadurecimento demandou tempo, claro, mas também demandou orientação. A liberdade científica que eu tive acabou me incentivando muito. Quando a gente sai do automático e busca entender a importância da ciência e do método científico, a gente amadurece”, acrescentou Ciro Félix.

O doutorando conclui ressaltando que a ciência deve seguir presente em sua vida. “Eu pretendo, sim, continuar na vida acadêmica. Eu pretendo ser professor em uma universidade e replicar muito do que eu aprendi aqui, com o método científico, e quem sabe, formar um próximo aluno, desde a graduação até o doutorado, como aconteceu comigo”, finalizou Félix.

Pesquisadores que integram o laboratório do ICBS, coordenado pela professora Melissa Landel, descobriram novas espécies de fungos que foram nomeadas em homenagem aos locais em que foram encontradas, biomas típicos da região Nordeste



Professor do Campus Arapiraca desenvolve **pesquisa na Antártica**

Alysson Duarte coletou amostras ambientais entre novembro e dezembro de 2022

Lenilda Luna

Muitas ações da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) têm alcance nacional e internacional, com pesquisadores participando de grupos de pesquisa e intercâmbios em várias partes do mundo. Um bom exemplo disso é Alysson Wagner Fernandes Duarte, biólogo e professor do Campus Arapiraca. Por causa de seu estudo sobre micro-organismos na Antártica, já participou de três expedições. A terceira foi recentemente, em um período de dois meses no continente gelado.

Durante novembro e dezembro de 2022, o pesquisador coletou amostras ambientais de solos, líquens e vegetação, para o isolamento de micro-organismos. "Esse material é utilizado para avaliação do potencial de aplicação biotecnológica na área da saúde humana e no setor agrícola", explicou Alysson, docente e orientador de mestrado pelos Programas de Pós-graduação em Ciências Médicas, da Faculdade de Medicina, e Agricultura e Meio Ambiente, do Campus Arapiraca.

O professor integrou a Expedição de 2022/2023, chamada de Operantar XLI. "O que fazemos durante a expedição é essencialmente coletar amostras ambientais, trazê-las congeladas ao Brasil e fazer o processamento das amostras na Ufal. Nessa pesquisa que desenvolvemos no Campus Arapiraca, interagimos com pesquisadores de diferentes universidades do Brasil, como a UFMG [Universidade Federal de Minas Gerais], Unicamp [Universidade de Campinas], UnB [Universidade de Brasília], Unila [Universidade Federal da Integração Latino-Americana], Unipampa [Universidade Federal do Pampa], USP, UFS [Univer-

sidade Federal de Sergipe], além das parcerias com os pesquisadores da Ufal", relatou o docente.

O início

Alysson Duarte é egresso da Ufal, na graduação e no mestrado. "Fiz Ciências Biológicas (2007), orientado pela Ana Cristina de Lima Normande, da Fanut [Faculdade de Nutrição], e depois mestrado no programa de Pós-graduação em Nutrição, orientado por Ana Maria Queijeiro López, do IQB [Instituto e Química e Biotecnologia]. Pesquisava microbiologia de produtos apícolas, principalmente mel de abelhas nativas e africanizadas. Ao final do mestrado estava analisando onde faria doutorado e fui a um Congresso de Ciência de Alimentos na Unicamp. Visitei alguns laboratórios e, dentre eles, o da pesquisadora Lara Durães Sette, que estava iniciando as pesquisas com a Antártica e me apresentou essa possibilidade", narrou o professor.

Ele participou da seleção do doutorado em 2010, pelo Programa de Pós-graduação em Biotecnologia da USP. "Comecei os trabalhos com a Antártica, orientado pela professora Lara e, desde então, continuo pesquisando micro-organismos daquele continente. Em 2013 fui pela primeira vez à Antártica, ainda durante o doutorado. Em 2016 ingressei na Ufal, Campus Arapiraca, como docente do curso de Medicina. Como docente, já fui em duas expedições, em 2017 e agora essa última, no final de 2022", pontuou Duarte.

Programa Antártico Brasileiro - A Antártica é a região mais fria da Terra. O continente é descrito no site do Programa Antártico Brasileiro como "o continente dos superlativos: o mais alto, o mais ventoso,



Professor e pesquisador Alysson Duarte durante coleta de amostras de microorganismos na Antártica

o mais frio, o mais seco e o mais inóspito". O Programa tem 41 anos e é coordenado pela Marinha do Brasil, Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e CNPq, com participação de várias universidades brasileiras. "A Ufal é uma colaboradora do projeto MycoAntar, que estuda a micologia Antártica, coordenado pelo pesquisador Luiz Henrique Rosa, da Universidade Federal de Minas Gerais", completou o pesquisador Alysson Duarte.

Essa parceria, que o professor Alysson estabeleceu ainda durante o doutorado, já está rendendo mais frutos na formação científica dos pesquisadores da Ufal. "A minha primeira aluna de Iniciação Científica (Pibic), no Campus Arapiraca, Mayanne Karla da Silva, está finalizando o mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Microbiologia pela UFMG. Sou coorientador do trabalho dela. Ela acabou indo para Belo Horizonte e continuamos os trabalhos em parceria", relatou o docente.

Rotina de trabalho - Alysson Duarte narrou um pouco do roteiro e rotina de trabalho no Continente. "A ida à Antártica começa com a saída de avião da Força Aérea (KC390) do Rio de Janeiro até Pelotas (RS), onde pegamos as roupas específicas que iremos usar na Antártica. De Pelotas, pegamos um novo voo no mesmo avião da FAB até a cidade de Punta Arenas, Chile e de lá partimos para a Antártica de navio. A Marinha do Brasil possui dois navios polares que dão apoio à pesquisa científica, os navios Ary Rongel e Almirante Maximiano", contou ele.

Depois de embarcados, ainda é preciso esperar as melhores condições para atravessar o estreito de Drake, situado entre a extremidade sul da América do Sul e a Antártica. "A chamada janela do Drake é a melhor previsão das condições de navegação para seguirmos viagem, porque nessa expedição atravessamos uma das regiões mais críticas de navegação do mundo, numa região de encontro dos oceanos

Pacífico e Atlântico. Haja dramin para seguir viagem embarcado (risos)", narrou Duarte sobre a aventura da viagem.

A viagem de ida não foi fácil. "Pegamos um Drake mais difícil, o navio batia um pouco e precisava ficar mais recolhido. Se as condições de tempo são boas, a travessia de navio dura entre quatro e cinco dias. Depois disso, chegamos à Antártica, abaixo do paralelo de 60 S. Fiquei na Estação Antártica Comandante Ferraz, fazendo as coletas na Ilha Rei George", detalhou.

A nova Estação Antártica Brasileira, inaugurada em 2020, é a terceira maior estação científica do mundo na Antártica e possui uma infraestrutura de referência. "A estação tem uma capacidade de geração de energia renovável e uma estrutura de excelência. Fiquei feliz em ter visto essa nova estação. Quando estive lá, em 2017, a equipe chinesa estava construindo a estação. Vê-la pronta, do jeito como ficou, é muito animador!", comemorou o pesquisador.

Importância científica para a Ufal - Alysson Duarte destaca os resultados desse esforço para o desenvolvimento da pesquisa na Ufal. "Como dizemos, a Antártica é um laboratório natural devido às condições ambientais extremas. Tem características limitantes para a sobrevivência de todas as formas de vida, com as menores temperaturas da Terra, além de extremos de radiação ultravioleta UV-A, UV-B, ciclos de congelamento e degelo e estresse hídrico. Então, microrganismos que sobrevivem naquele continente precisam se adaptar a estas condições adversas e podem assim produzir compostos com novas propriedades e aplicações", ressaltou Duarte.

A pesquisa da microbiologia Antártica faz um estudo similar com a Caatinga de Alagoas. "Apesar de distantes, são ambientes com características similares como o estresse hídrico, a Antártica sendo um deserto frio e a Caatinga um deserto quente. Os dois últimos editais de pesquisa que aprovamos, no CNPq e na Fapeal, foram com essa perspectiva, a de aproximar esses ambientes distantes por meio da avaliação do potencial biotecnológico dos microrganismos isolados deles", explicou o pesquisador Alysson Duarte.

O estudo se volta para a produção de enzimas por leveduras de líquens da Antártica. "Temos trabalhado com produção de enzimas, pigmentos, aplicação agrícola e atividade contra Leishmania, em parceria com as professoras Magna Moreira e Aline C. de Queiroz, dos *campi* da Ufal em Maceió e Arapiraca, respectivamente. As principais linhas de frente do que temos pesquisado nos microrganismos da Antártica são: prospecção de enzimas, produção e avaliação de pigmentos microbianos e aplicação agrícola", informou o professor Alysson.

As pesquisas envolvem alunos de doutorado, mestrado e iniciação científica dos programas Pibic e Pibiti. "Destaco também que as possibilidades de pesquisa na Antártica são variadas e os microrganismos representam novas fontes de recursos biológicos para diferentes usos pelo ser humano, seja no campo da saúde, seja no setor agrícola. Por fim, estudar a Antártica é importante para alertarmos para a preservação do ambiente, visando conscientizar a população da riqueza biológica que existe naquele continente", finalizou o professor.

Alysson Duarte, professor do Campus Arapiraca, levou a bandeira da Universidade para marcar a presença da instituição na Antártica



Amostras de micro-organismos coletadas são avaliadas quanto ao potencial de aplicação biotecnológica na saúde e no setor agrícola

Resumo das pesquisas

Prospecção de enzimas. Um estudo publicado em 2022, na edição especial de tema Antártico nos Anais da Academia Brasileira de Ciências. "Reportamos diferentes espécies de leveduras com versatilidade na produção de proteases, amilases, pectinases. Essas enzimas podem ser utilizadas na indústria de alimentos, produção de fármacos, combustíveis, dentre outros. As proteases, por exemplo, buscamos enzimas que tenham atividade fibrinolítica e que possam ser aplicadas na saúde humana, como no tratamento de trombose. Além disso, temos pesquisado a produção de L-asparaginase por fungos da Antártica e a principal aplicação dessa enzima é a aplicação no tratamento da Leucemia Linfoblástica Aguda".

Na produção e avaliação de pigmentos microbianos, a perspectiva é que como um dos fatores de estresse no polo Sul é o excesso de luz UV, alguns microrganismos produzem pigmentos como uma resposta adaptativa a esta condição, além da resposta ao frio daquele ambiente. "Publicamos, em 2021, um artigo em uma conceituada revista na área Biotecnologia, a *Critical Review in Biotechnology* onde reportamos os pigmentos bacterianos por isolados da Antártica e destacamos isolados vermelhos resistentes a altas doses de UV-C. Isto é importante porque podemos produzir e extrair esses pigmentos, por exem-

plo, e utilizar para aplicações cosméticas.

O setor de cosmético tem buscado substituir os corantes sintéticos por corantes naturais, os pigmentos microbianos podem ser uma alternativa à redução dos compostos sintéticos. E também estamos estudando se estes pigmentos têm atividade antimicrobiana, antioxidante ou contra a Leishmania. Este último em colaboração com as professoras Magna e Aline, que são referência na busca de fármacos com atividade leishmanicida".

Aplicação agrícola

"Temos analisado se fungos e bactérias da Antártica podem ser utilizados como bio-inoculantes solubilizadores de fosfato inorgânico. O fósforo solúvel é uma das necessidades do setor agrícola, mas não basta apenas o produtor adicionar o adubo químico (fósforo) aos solos, porque a maior parte dele ficará inacessível às plantas. Os micro-organismos solubilizadores de fosfato é que fazem a solubilização deste elemento químico para a raiz da planta e vimos que tanto as bactérias quanto as leveduras da Antártica apresentam uma boa atividade de solubilização de fosfato. Estes estudos foram desenvolvidos em parceria com o pesquisador Adeildo Júnior de Oliveira, do Campus Arapiraca".



Rose Ferreira

Professor Emerson Soares, coordenador-geral da Expedição, demonstra trabalho de análise de espécie encontrada no São Francisco

CIÊNCIA E EXTENSÃO

Expedição leva educação e saúde à população de **idades banhadas pelo São Francisco**

Durante dez dias, pesquisadores percorreram 250 quilômetros entre as cidades de Piranhas e Piaçabuçu

Eduardo Almeida e Rose Ferreira

As linhas tortas do São Francisco, retratadas em inúmeras canções da música popular brasileira, foram palco para uma ação que levou educação e saúde à população ribeirinha de Alagoas e Sergipe em 2022. De 3 a 12 de novembro, a 5ª Expedição Científica do Baixo São Francisco percorreu 250 quilômetros, entre as cidades de Piranhas e Piaçabuçu, mostrando que a ciência segue pulsando em nosso estado.

Além dos pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), integrantes de outras 26 instituições participaram da iniciativa. Distribuídos nas embarcações Magnífica, Indiana e Maravilhosa, os expedicionários promoveram ações de educação ambiental, visitaram escolas públicas e sítios arqueológicos, fizeram novos registros de espécies e realizaram mais de seis mil exames em comunidades ribeirinhas.

A Expedição Científica do Baixo São Francisco incluiu ainda a doação de equipamentos - como microtratores com implementos agrícolas, computadores, impressora e projetores - e a promoção de ações lúdicas, beneficiando os moradores dos municípios de Piranhas, Pão de Açúcar, Traipu, São Brás, Igreja Nova, Penedo e Piaçabuçu, no estado de Alagoas, e de Gararu, Propriá e Brejo Grande, de Sergipe.

"Acredito que essa 5ª expedição ficou na memória das pessoas. Os dados da expedição científica falam por si só, e as publicações que já temos e os

parceiros envolvidos atestam o nosso trabalho. Só temos a agradecer o apoio de cada investidor e a dedicação de todos os envolvidos", declarou Emerson Soares, coordenador-geral da Expedição e professor da Ufal.

Planejamento

O planejamento para pôr em prática uma expedição que conta com a participação de 66 pesquisadores se inicia cerca de um ano antes da primeira embarcação cair na água. De acordo com Eliane Cavalcanti, vice-reitora da Ufal e responsável pelo Barco da Saúde, logo após o término de uma edição da Expedição Científica, a Universidade dá início ao planejamento da expedição seguinte.

"A partir do momento em que o grupo de trabalho emite o relatório das atividades que foram desenvolvidas durante a Expedição, o que normalmente acontece no mês de dezembro, a gente começa o planejamento para a edição seguinte. Nossa ideia é sempre aprimorar os trabalhos e serviços oferecidos à população. Então, a gente vai melhorar sempre", explicou Eliane Cavalcanti.

A expectativa para a Expedição Científica do São Francisco não se limita aos seus organizadores. "A gente sente a Expedição conosco os 365 dias do ano, porque, desde o nosso primeiro planejamento do ano letivo, a gente pensa no tema que vai trabalhar. Não é só recepcionar pesquisadores. A criança quer saber

Meninas, estudantes ribeirinhas, participaram do projeto Academia e Futebol, do Instituto de Educação Física e Esporte da Ufal



Rose Ferreira

o porquê da Expedição, qual o objetivo e por que ela está passando aqui”, explicou Edilene Marques Matias, ex-aluna e hoje professora da educação infantil da Escola Municipal de Educação Básica General Artur da Costa e Silva, no povoado de Chinaré, em Igreja Nova-AL.

A professora complementou: “Porque não são só os 12 dias da Expedição. Quantas descobertas vocês fizeram nesses cinco anos? Isso contribui para o nosso futuro, para que o estudante de hoje também possa se tornar um pesquisador amanhã. Eu saí daqui e hoje sou professora dessa escola. E olha o poder que a gente tem em ser professor, tendo a oportunidade de transformar o futuro das crianças pela educação”.

Pesquisador Mozart Daltro fez análise do teor de óleo e graxas e da presença de metais pesados na água do Velho Chico



Expedição em números

Durante dez dias, a Expedição Científica do Baixo São Francisco percorreu 250 quilômetros, que cortam dez municípios - sete em Alagoas e três em Sergipe. Ao longo desse período, foram colocados chips em 300 peixes, colhidas 60 amostras de Teor de Óleos e Graxas (TOG) e pesticidas, feito o peixamento de 100 mil peixes, colhidas 60 amostras de água e 66 de microplásticos e realizadas histopatologias de 120 peixes.

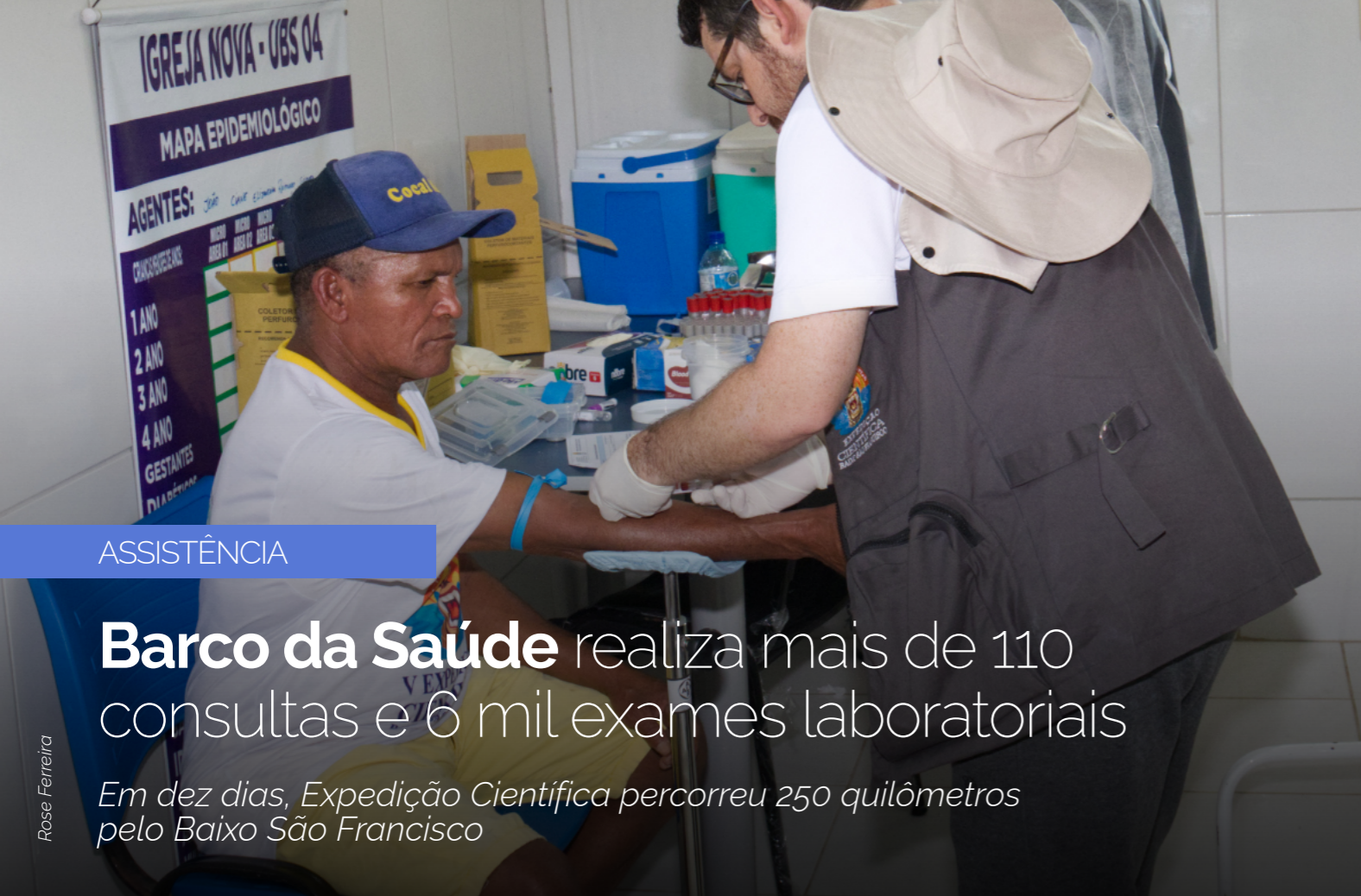
Também foram realizadas três palestras científicas transmitidas ao vivo pelo *Instagram* da Ufal, somando mais de 4 mil visualizações; 2 mil visitas ao Oceanário do Sesc DF; visitados 15 escolas, quatro sítios e oito comunidades, entre indígenas, quilombolas e de artesãos; entregues três fossas agroecológicas; e analisadas seis sub-bacias.

A Expedição Científica do Baixo São Francisco é uma realização da Ufal, em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e de Recursos Hídricos de Alagoas (Semarh) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal).

A iniciativa conta ainda com o apoio da Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (Fundepes), da Agência Peixe Vivo, do Tanto Expresso, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, da Emater/AL, da Hanna Instruments, da Colgate, do Rotary Club Arapiraca, da Triunfo Pedras, do Grupo Coringa, da Andrade Distribuidor e das seguintes instituições: Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Rondônia, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Sergipe, Instituto Nacional da Propriedade Industrial, Universidade Estadual de Feira de Santana e do Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira.

Crianças de escolas ribeirinhas participam de aula prática em um dos barcos da Expedição Científica





ASSISTÊNCIA

Barco da Saúde realiza mais de 110 consultas e 6 mil exames laboratoriais

Em dez dias, Expedição Científica percorreu 250 quilômetros pelo Baixo São Francisco

Equipe que integrou o Barco da Saúde também fez coleta de sangue da população ribeirinha.

Eduardo Almeida e Rose Ferreira

A Expedição Científica do Baixo São Francisco chegou à sua quinta edição, em 2022, com uma novidade: pela primeira vez, contou com um barco exclusivo para serviços de saúde. E os resultados não poderiam ter sido melhores: em dez dias, foram mais de 110 consultas médicas e seis mil exames laboratoriais realizados, beneficiando a população de dez cidades ribeirinhas dos estados de Alagoas e de Sergipe.

“O Barco da Saúde surge como uma forma da Universidade promover assistência, porque a instituição não é composta só por ensino e pesquisa, mas pela extensão também. O Barco tem o viés da assistência, que, na realidade, é a extensão. Essa iniciativa busca garantir cuidados com os povos tradicionais que vivem às margens do São Francisco e que utilizam as águas do rio para o seu cotidiano”, explicou Eliane Cavalcanti, vice-reitora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e responsável pelas ações do Barco da Saúde.

Coube, então, à embarcação Indiana abrigar toda a estrutura de saúde. No espaço, foi montado um laboratório flutuante, no qual eram armazenadas parte das amostras coletadas da população ribeirinha. Outra parte do material era encaminhada para um laboratório na cidade de Arapiraca, de modo a agilizar a conclusão dos trabalhos e a entrega dos resultados e dos laudos para a população beneficiada pela ação.

“Terminava a consulta, terminava a triagem, e a equipe da saúde não parava. Voltávamos para o barco, para analisar, laudar os exames e liberar os resultados. Fizemos hemograma completo, hemoglobina glicosilada, creatinina, TGO e TGP, urinálise, PSA, sangue oculto nas fezes, exames citológicos, ISTs e HPV. Estima-se que, por paciente, a gente tenha feito em torno de 14 exames”, destacou a vice-reitora da Ufal, Eliane Cavalcanti.

Após as consultas e os exames, os profissionais do Barco da Saúde analisavam a necessidade de encaminhamentos para outros serviços de saúde. Foram

realizados 45 encaminhamentos de complexidades para atendimentos no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HU), em Maceió. A maior parte dos casos, segundo os integrantes do Barco, diz respeito a atendimentos dermatológicos, com sugestão de alta complexidade.

“A gente sabe que as pessoas que vivem à margem dos grandes centros, das grandes cidades, não têm acesso a uma saúde de alta complexidade. O nosso objetivo com o Barco da Saúde também foi chegar nesse povo, chegar nessa população, e tentarmos rastrear alguns tipos de câncer que, até então, caem na alta complexidade e que, às vezes, o paciente não chega a ter acesso”, complementou Eliane Cavalcanti.

Durante a expedição, mais de 500 pacientes foram atendidos pelos profissionais que atuaram no Barco da Saúde, um trabalho que só foi possível graças à parceria estabelecida entre os organizadores da Expedição e os gestores de saúde municipais.

“Antes de colocarmos o Barco na água, sentamos com cada gestor municipal para termos uma ideia do perfil do paciente que atenderíamos naquele momento. Não foi uma demanda aleatória, já foi uma demanda direcionada. Os pacientes que apresentavam algum problema vieram até nós e, em seguida, demos uma devolutiva. Agora, nós vamos dialogar com os gestores e discutir quais medidas serão tomadas”, frisou Eliane Cavalcanti.

Questionada sobre a continuidade do Barco da Saúde, a vice-reitora da Ufal e responsável pelas

ações de saúde da Expedição Científica do Baixo São Francisco se mostra otimista. De acordo com ela, esta é uma iniciativa que não deve mais “ter volta”.

“Eu sempre digo que ‘sonho que se sonha só é meramente um sonho’, mas ‘sonho coletivo é um projeto’. Tudo o que a gente faz de bom será sempre um caminho sem volta. O caminho, agora, é melhorar a iniciativa. A gente vai buscar melhorar sempre. Se agora a gente levou três complexidades, quem sabe a gente não leve mais uma para a 6ª edição? Ou quem sabe a gente aumente um pouco a equipe?”, questionou Eliane Cavalcanti.

Durante 10 dias, representantes de 27 instituições percorreram 250 quilômetros durante a 5ª Expedição Científica do Baixo São Francisco, levando ações de educação e saúde para a população dos municípios de Piranhas, Pão de Açúcar, Traipu, São Brás, Igreja Nova, Penedo e Piaçabuçu, no estado de Alagoas, e de Gararu, Propriá e Brejo Grande, no estado de Sergipe.

Ao longo desse período, foram realizadas a chupagem de 300 peixes, colhidas 60 amostras de TOG e pesticidas, feito o peixamento de 100 mil peixes, colhidas 60 amostras de água e 66 de microplásticos e realizadas histopatologias de 120 peixes. Também foram realizadas três palestras científicas transmitidas ao vivo pelo Instagram da Ufal, somando mais de quatro mil visualizações; duas mil visitas ao Oceanário do Sesc-DF; foram vistados 15 escolas, quatro sítios e oito comunidades, entre indígenas, quilombolas e de artesãos; entregues três fossas agroecológicas; e analisadas seis sub-bacias.

Vice-reitora Eliane Cavalcanti coordenou trabalho de assistência aos ribeirinhos, promovido pelo Barco da Saúde





ALÉM-MAR

Festival de Música de Penedo leva cultura alagoana para a Europa

Evento acontece no Brasil e em Portugal este ano; programação inclui palestras, oficinas e apresentações musicais

Músico Joselho Rocha, integrante da Orquestra Sinfônica da Ufal, foi uma das atrações no Palco da Música na Noite Pernambucana

Eduardo Almeida

Criado pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) há 13 anos, o Festival de Música de Penedo desembarca na Europa em 2023. Depois de passar por Maceió, Arapiraca, Marechal Deodoro e se fixar na cidade ribeirinha que dá nome ao evento, o Festival também acontece em Portugal este ano, levando a cultura alagoana para o Velho Continente.

A programação do evento inclui palestras, oficinas, debates e apresentações culturais. Desde 2009, quando surgiu como Jornada Pedagógica para Músicos de Bandas, o Festival realizou mais de sete mil horas de atividades e certificou mais de três mil participantes. Tudo isso com a chancela da maior instituição de ensino superior do estado.

Mas o caminho até a consolidação não foi fácil.

Conforme Marcos Moreira, professor do curso de Música da Ufal e idealizador do evento, à medida que o Festival cresceu, novos desafios surgiram. O principal deles tem sido viabilizar a estrutura logística para a realização das atividades. O apoio da Universidade e de parceiros tem se mostrado fundamental.

"Nossa maior dificuldade sempre é o patrocínio, porque o Festival está ficando cada vez mais amplo

e precisa de recursos. A Universidade é apenas o ser pensante do processo. Em nossa última edição, contamos com o apoio da própria Ufal, do governo de Alagoas, da Prefeitura Municipal de Penedo e do Sebrae para viabilizar questões relacionadas à estrutura, transporte e assegurar as apresentações", ressaltou Moreira.

O Festival de Música de Penedo busca alinhar

Roberta Brito



ensino, pesquisa e extensão, fazendo com que o conhecimento produzido dentro da Universidade chegue a uma parcela cada vez maior da população. Os debates, as palestras e as oficinas contam com a participação de estudantes do ensino superior, mas principalmente com a presença de estudantes do ensino fundamental e médio que integram bandas de músicas de diversos municípios de Alagoas.

"Nos últimos anos, nós ampliamos os fóruns realizados para contemplar temas como musicologia, educação musical, presença das mulheres na música, contexto da música gratuita, educação comunitária, relação afro-brasileira dentro da música e regionalismo no Nordeste. Nós também oferecemos oficinas de metais, de madeiras e, agora, a gente deve ofertar oficina de cordas", acrescentou o professor.

De acordo com Moreira, o Festival de Música, atualmente, é um dos maiores eventos realizados pela Ufal. "O Festival está enraizado como um grande evento da Universidade. E, sendo um grande evento, ele ajuda a divulgar todo o processo de licenciatura em Música. Frise-se: é o único curso gratuito de licenciatura em Música do estado, naquela que é a maior instituição gratuita de Alagoas, que é a Ufal", expôs.

Orgulhoso com os resultados obtidos, Marcos Moreira também destaca a importância "extramuros" que o Festival de Música de Penedo alcançou. "O evento acontece em outro município, garantindo a interiorização do curso de Música. Há ainda a questão intercampus com outras universidades, com pessoas que vêm de outras instituições para atuar no evento. Além disso, pessoas da comunidade que passam a entender como o curso de Música vem contribuindo para a própria sociedade", observou.

Professor e pesquisador Marcos Moreira é o idealizador e coordenador-geral do Festival de Música de Penedo e faz a Universidade Federal de Alagoas dialogar com vários públicos, num trabalho de extensão que promove a interiorização do curso de licenciatura em Música e o intercâmbio com outras instituições do Brasil e de Portugal

A organização do Festival de Música envolve, hoje, cerca de 30 pessoas. Além de Marcos Moreira, o evento conta com a participação da produtora cultural Ana Rodrigues - que faz parte da Coordenadoria de Assuntos Culturais da Ufal - e de estudantes, que se dividem entre bolsistas, voluntários e monitores das atividades desenvolvidas.

Os resultados do Festival de Música de Penedo podem ser conferidos em publicações produzidas pela editora paulista Pimenta Cultural. Tanto em 2021 quanto em 2022, a editora lançou cinco livros, elaborados por professores e pesquisadores alagoanos, que mostram um pouco do trabalho realizado no estado. "São dez títulos, das mais diversas vertentes, que expõem um pouco da produção científica realizada na Ufal", apontou Moreira.

Portugal

Marcos Moreira alinhava os últimos detalhes antes da realização do evento que acontecerá em maio deste ano em Portugal. Os acertos para a realização das atividades na Europa envolvem diretamente o Ministério da Cultura de Portugal e a Direção-Geral das Artes de Portugal (DGArtes).

A proposta é promover o intercâmbio de conhecimento entre os brasileiros - os alagoanos, de forma mais específica - e os portugueses. As edições realizadas no Brasil já contam com a presença de agentes culturais europeus, o que também seria ampliado pela parceria.

"A ideia é levar o nome de Alagoas, de Penedo e da Universidade Federal para a Europa", concluiu o professor e idealizador do Festival de Música Marcos Moreira.

Músicos de várias idades e gerações participaram de apresentações pelas ruas da cidade histórica de Penedo, durante os desfiles e retretas de bandas de músicas



Circuito Penedo de Cinema coloca Alagoas na **rota do audiovisual no Brasil**

Evento promovido pela Ufal chegou à sua 12ª edição em 2022, reunindo grandes nomes do cenário local e nacional

Eduardo Almeida

A cidade de Penedo, no Litoral Sul de Alagoas, palco de grandes festivais nas décadas de 1970 e 1980, é o pano de fundo para a construção de uma nova (e bela) história do cinema brasileiro. O município ribeirinho sedia, desde 2011, iniciativas lideradas pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) que buscam colocar o estado na rota do audiovisual no Brasil, reunindo grandes nomes do cenário local e nacional.

Se o passado nos remete ao Festival do Cinema

Brasileiro, o presente é construído pelo Circuito Penedo de Cinema. A iniciativa agrega quatro eventos consagrados do audiovisual: o Festival de Cinema Universitário de Alagoas; o Encontro de Cinema Alagoano; a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental; e o próprio Festival do Cinema Brasileiro. O evento se tornou parte do calendário cultural do país.

A história do Circuito Penedo de Cinema tem origem em 2011, quando um grupo de professores da Ufal, ligados à área cultural, decidiu lançar o Circuito de Cinema Universitário. O sucesso da iniciativa levou

os organizadores do evento a considerar a possibilidade de resgatar o antigo Festival do Cinema Brasileiro, que acontecia às margens do Rio São Francisco entre 1975 e 1982, o que, de fato, ocorreu.

“Em 2016, decidimos pela retomada do Festival do Cinema Brasileiro, a partir da sua 9ª edição, já que ele foi encerrado em 1982. Colocamos o Festival de Cinema Universitário, a Mostra Velho Chico, o Encontro Acadêmico e o Festival Brasileiro em um caldeirão, que passou a se chamar Circuito Penedo de Cinema. Desde então, ele vem se fortalecendo”, explicou Sérgio Onofre, coordenador-geral do Circuito Penedo de Cinema.

A programação do evento cresce a cada ano e conta com mostras, feiras, oficinas, apresentações culturais e musicais, palestras, bate-papos, além, é claro, da exibição de filmes. Tudo isso de forma gratuita e com a participação popular. Em 2022, foram sete dias de programação (de 14 a 20 de novembro), distribuída em três turnos.

“No ano de 2022, celebramos o retorno presencial do evento, porque, nas duas edições anteriores [2020 e 2021], o Circuito Penedo de Cinema ficou muito restrito em virtude da pandemia. Não trouxemos realizadores, nem bandas de fora para tocar em Penedo, por exemplo. A gente se concentrou na cidade, com o público de Penedo, com os músicos de Penedo, e realizou todas as outras atividades de forma on-line”, lembrou Sérgio Onofre.

Conforme o coordenador-geral do evento, o Circuito Penedo de Cinema cumpre um papel importante no cenário audiovisual local e nacional. “De alguma forma, [o evento] contribuiu com a revitalização de espaços, como o Cine São Francisco, que era um desejo latente na sociedade, e atende à memória afetiva da população, que falava constantemente dos antigos festivais que aconteciam na região”, acrescentou.

A 12ª edição do evento, que aconteceu em 2022, reuniu grandes nomes do cenário local e nacional,

Um dos pontos altos do Circuito é o projeto de levar crianças para assistirem aos filmes exibidos na Mostra de Cinema Infantil



como a atriz Isabel Teixeira, que deu vida à personagem Maria Bruaca, na novela *Pantanal*, da TV Globo. “É o quarto dia que estou aqui, mas parece que estou há um mês, porque é muita riqueza, muito calor das pessoas, um acolhimento ótimo em torno de um festival de cinema”, relatou a atriz em vídeo publicado nas redes sociais do Circuito.

Pedro Mechior, do Rio de Janeiro, ganhou prêmio de melhor filme escolhido pelo júri popular do Festival Universitário



O mesmo sentimento foi compartilhado pela primeira roteirista, diretora e produtora audiovisual trans do estado da Paraíba, Danny Barbosa, uma das convidadas do evento em sua mais recente edição. “Esse encontro reúne artistas incríveis, obras incríveis do cinema nacional. Já participei e sei da satisfação e do carinho que envolve todo esse festival. Estaremos juntos celebrando o cinema e a arte”, afirmou por meio de redes sociais.

Programação

Além de reunir grandes nomes do cenário audiovisual brasileiro, o Circuito Penedo de Cinema é responsável pelo fomento à produção local e por promover debates. Em sua página institucional, o Circuito descrito como um espaço que busca reafirmar “seu papel como instrumento para olhares e perspectivas sobre o vasto patrimônio audiovisual alagoano e nacional, em diálogo com a educação”.

A programação da edição 2022 do Circuito Penedo incluiu mostras de longa-metragem nacional, mostra de cinema livre, mostra internacional de cinema socioambiental, feira de empreendedores culturais, festival de rock, mostras de cinema infantil, mostras competitivas, além de oficinas e diversas apresentações culturais.

“De terça até sábado, só na Mostra de Cinema Livre, nós exibimos um apanhado dos filmes apresentados nas últimas edições do Circuito. Ao todo, só nessa mostra, foram exibidos 92 filmes. Além disso, mais sete longas-metragens, filmes da mostra infantil e das mostras competitivas”, destacou Onofre, coordenador-geral do Circuito Penedo de Cinema.

Além da participação da Universidade Federal de Alagoas, o Circuito Penedo de Cinema conta com o apoio do governo de Alagoas, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), do Instituto de Estudos Culturais, Políticos e Sociais do Homem Contemporâneo (IECPS), com patrocínio do Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco (CBHSF), da Prefeitura de Penedo e do Sebrae Alagoas.

Expedito Cavalcante, coordenador da Unidade de Penedo da Ufal; a atriz Isabel Teixeira; e o coordenador-geral do Circuito, Sérgio Onofre, na noite de premiação



“Quando construímos parcerias, transformamos a realidade”

Diana Aleixo, Mirelle Camargo e Josival Oliveira – coordenadores da Feira Agroecológica Novo Jardim

A Feira Agroecológica Novo Jardim é uma iniciativa do Instituto de Preservação dos Direitos Ambientais e Direitos Humanos – Vale do Sol, em parceria com o Movimento de Libertação dos Sem Terra em Alagoas e ocorre desde setembro de 2021. A parceria com a Universidade Federal de Alagoas, no entanto, antecede a ocorrência da Feira, visto que se consolidou com as ações de combate ao vírus causador da covid-19, na distribuição de máscaras produzidas pela Escola Técnica de Artes (ETA), e a orientação do uso correto das máscaras na prevenção individual e coletiva.

Além de promover o escoamento da produção camponesa e a troca de experiências entre a agricultura familiar com comunidades inteiras nas áreas rurais, urbanas e periurbanas, as feiras são espaços de educação popular que costumam as relações sociais no Brasil, pela riqueza e pela diversidade cultural

de cada região. De acordo com Souza (2015), as feiras também devem ser compreendidas como “espaços educativos e pedagógicos não formais de aprendizagem, que revelam a dimensão educativa das cidades e da relação do trabalho com a formação humana.”

Nesse sentido, a Feira Agroecológica Novo Jardim é uma ferramenta pública geradora de saúde, cultura e vivências agroecológicas. É um serviço de utilidade pública que resgata costumes e tradições alimentares, promove ações de orientação, oficinas, cineclube com roda de conversas, atividades formativas abertas à comunidade em que é realizada, bem como tem possibilitado a integração de gerações em seus públicos, além de ter se tornado um polo cultural em uma região por vezes esquecida no circuito cultural em Maceió e em Alagoas. A Feira é um verdadeiro laboratório vivo da sociedade, em que as classes sociais se relacionam para além da relação comercial, já que o encontro de costumes possibilita a aproximação entre os sujeitos, sem distinção de classes.

Diana Aleixo, Josival Oliveira e Mirelle Camargo, coordenadores da Feira Agroecológica



Integrando as dimensões histórica, econômica, socioambiental e cultural da vida em sociedade e tendo sua relevância já reconhecida na própria comunidade do Novo Jardim, bem como em outros espaços em que já foi realizada, como o Teatro Deodoro e o bairro do Prado, e por diversas entidades e associações comunitárias de Maceió e do estado, este evento de interesse público possibilita o escoamento da produção agroecológica da agricultura familiar, oriunda de comunidades rurais do interior de Alagoas, livre de venenos e a preço acessível em uma região periférica, no bairro Cidade Universitária da capital, ou seja, também compõe um movimento que se contrapõe à hegemonia do agronegócio nos grandes centros rurais e urbanos.

Durante os três dias de evento, em cada edição, passam pela Feira centenas de pessoas, famílias moradoras da região e visitantes de outras localidades. O público acolhido por 20 e até 50 feirantes – agricultores e agricultoras familiares, que vendem na Feira a sua produção de manejo agroecológico, e por toda a equipe de apoio, colaboradores voluntários – não se caracteriza apenas enquanto consumidor dos produtos à venda. A esse aspecto fundamental soma-se o consumo direto de cultura, saúde, educação ambiental, uma releitura de ações pedagógicas – visitas ecopedagógicas com informação e formação social.

Isso é possível porque o Instituto Vale do Sol tem firmado parcerias imprescindíveis com movimentos sociais, instituições e coletivos organizados, destacando a importância de preservação humana conectada à sustentabilidade ecológica socioambiental e cultural. Iniciativas coletivas e voluntárias que prezam pelo bem viver de todas as comunidades.

Contamos com o Coletivo Sabiá Experimentos Agroecológicos e o Coletivo DaTerra, pois o processo organizativo da Feira Agroecológica Novo Jardim envolve muitos colaboradores – design, filmes, criação de conteúdo, mídia social, assessoria de comunicação – e é essa rede de apoiadores que constrói em agrupamentos ou individualmente o perfil e a dinâmica deste projeto. Temos aproximadamente 15 alunas voluntárias e alunos voluntários, organizando atividades de formação, debates, cineclube, mobilização e mutirões importantes nas áreas de assentamentos e acampamentos.

O diálogo dinâmico da comunidade acadêmica a cada edição da Feira Agroecológica Novo Jardim é movimentado em uma evolução de importantes atores da Ufal. É importante salientar que as atividades realizadas não se resumem à extensão, porque são vários eixos que sustentam a instituição Academia. A Feira Agroecológica Novo Jardim tem se revelado um valioso campo para a prática do tripé pesquisa, ensino e extensão. Tem sido palco de aulas de campo com o corpo docente, discente e com rica participação da comunidade, desde as famílias produtoras da agricultura familiar, até as famílias consumidoras das áreas de comunidades periurbanas da cidade de Maceió.

Além disso, há a iniciativa de vários coletivos organizados pelo alunado realizando mutirões de manejo agroecológico em assentamentos e acampamentos da reforma agrária de Alagoas, em uma associação entre teoria e práxis do conhecimento das técnicas vindas do cotidiano nas famílias da agricultura familiar.

Esse trabalho se tornou um movimento, ativando uma cadeia de fortalecimento da troca de saberes e na compreensão da realidade entre o campo e a cidade. A Sala de Cuidados Antônio Piranema da Ufal, que realiza atendimentos ao longo de cada edição da Feira Agroecológica Novo Jardim, tem realizado debates e cuidados por meio das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), permitindo atendimento de autocuidados para a população, acolhendo essas pessoas e demarcando para a comunidade a existência desse serviço no Sistema Único de Saúde (SUS) e como acessá-lo em outros espaços.

A troca de informação chega a partir do fluxo de circulação das pessoas nas edições da Feira Agroecológica Novo Jardim, grande oportunidade para novas etapas com as visitas ecopedagógicas, trazendo as comunidades urbanas, rurais, acadêmica, nas parcerias com as escolas do ensino fundamental e ensino médio, repassando os processos de produção agroecológica, assim como a sobrevivência das famílias, qual a forma de organização para o escoamento da produção agroecológica em comunidades periurbanas na capital alagoana e no interior.

O apoio da Universidade Federal de Alagoas

vem da da compreensão do reitor Josealdo Tonholo e o pró-reitor de Extensão, César Nonato Candeias, que vivenciam cotidianamente a cada edição da Feira Agroecológica Novo Jardim os seus desafios, mas proporcionando uma série de trabalhos coletivos na construção acadêmica dessa experiência estruturadora na consolidação econômica, social e política no estado de Alagoas. E, com isso, demonstrando alternativas de sustentabilidade para os camponeses e a melhoria da qualidade de vida das famílias urbanas a partir de alimentos da produção agroecológica.

Em uma dinâmica que beneficia diretamente comunidades rurais, periurbanas e comunidades urbano-periféricas, a Feira Agroecológica Novo Jardim defende o intercâmbio do produtor da agricultura familiar com os consumidores finais, resgata o diá-

logo entre o campo e a cidade (o que se expressa na convivência durante a comercialização), oferece à comunidade opções de acesso gratuito de pesquisa, estudo, lazer e cultura, além de praça de alimentação com culinária regional, exposição de casa de farinha – demonstrando as etapas de processamento da macaxeira até o produto final que é a farinha –, casa do bolo, caldo de cana e as barracas, que são verdadeiros pontos de variedade produtiva, resgatando as memórias do campo.

Os resultados também se mostram relevantes a partir do estímulo aos produtores da agricultura familiar no campo e um permanente olhar empreendedor, reconhecendo a riqueza de sua força de trabalho e visualizando o potencial da comercialização da produção agroecológica pela agricultura familiar.

Feira beneficia diretamente os produtores rurais e a própria comunidade urbana que passa a consumir produtos livres de agrotóxicos



10º BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS 2023

DE 11 A 20
DE AGOSTO

No Centro de Convenções

bienaldealagoas.com.br

Ascom/Ufal



f Acompanhe as
nossas redes sociais
@bienalalagoas

REALIZAÇÃO:





UFAL

Para mais informações:

www.ufal.br